

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2003

IDENTIFICAÇÃO

Luiza Maria Gomes Botelho. Cinco de novembro de 64, em Campos dos Goitacazes.

PAIS

Luiz Botelho e Lucy Gomes Botelho. Meus pais, eles não têm, do ponto de vista acadêmico... O papai chegou a concluir o primário da época. Mamãe nem isso. Mas sabe ler, fazer conta, aquela coisa toda e tal. Desenvolveram muito. A gente vê inclusive a coisa do ensino. Eu fico brincando muito com eles, porque quando você pega e vai conversar, em termos de conhecimentos gerais. Em termos inclusive da conta, você pega um pessoal de agora, os próprios sobrinhos – eu tenho sete sobrinhos – então aí você começa a conversar e você vê que eles, mesmo com aquele ensino tão primário, né? Foi só o primário que tiveram, têm um nível até nessa coisa maior. Pelo que eu sei do vovô ele era uma pessoa... ele era analfabeto. Assim, coisa de escrever, lia alguma coisa. Eu sei que lia, porque lá em casa chegava, acredito que não era só figura, não. Acho que ele lia. Conseguia com alguma dificuldade, quer dizer, não era um analfabeto, assim, mas tinha muita dificuldade. Conseguia escrever o nome, ver uma ou outra palavra com alguma dificuldade. Mas que eu lembro que lá em casa, na casa da minha avó, chegava uma das poucas coisas que Campos nessa coisa envergonha, que é a coisa da TFP. Eu fui criada dentro de casa, e chegavam aquelas revistas da TFP. Porque essa tia minha que eu falei que era solteirona era Filha de Maria, aquela congregação religiosa. Então eram as duas aquele rigor, aquele catolicismo tradicional. Meu avô eu não conheci, mas sei que era de pouca formação.

Mas voltando cá na minha família, teve muito essa coisa, eu tenho um orgulho muito grande dos meus pais, de ver os sacrifícios que eles fizeram, aquela coisa toda. E aquela coisa da decência, principalmente. Eu acho que não ter vergonha do lugar em que você mora, das dificuldades. Poder ter a cara para cima, estar de bem com a vida, com essas dificuldades. Então acho que a infância da gente foi muito marcada por isso.

Eles brigavam, meus pais, como vários casais, depois se separaram mesmo. Aí já deixou de ser como vários casais. Mas a relação deles é muito boa, e então a minha família para mim é uma base muito grande. Tanto é que eu brinco, minha mãe fica querendo às vezes sair de lá, ela não gosta do bairro. Quer ir para um lugar melhor. Mas eu brinco com ela, falo assim: “Olha, precisa ter um, pode até ir. Mas a gente não pode perder isso. Porque eu quero ter a base, porque eu acho que na hora que ficar velhinha é aqui que volta. É Campos. É aqui. deve ser por aqui. Não sei.” Porque essa coisa de ficar velhinha é uma coisa engraçada. Eu não sou de fazer planejamentos longos, não. E isso eu acho que tem a ver com uma história de desde que eu me entendo por gente. Isso deve ser 10, 11 anos – eu achava que eu ia morrer aos 27 anos. Não me pergunta por quê. Não sei. Não sei se é coisa de outra encarnação. É que eu vi uma vizinha que tinha essa idade, que teve um câncer e morreu. Aquilo me marcou como criança. Eu não sei. E todo mundo que me conhecia sabia disso. Porque quando rolavam essas conversas de infância, eu falava numa boa: “Eu não. Eu acho que eu vou morrer aos 27”. O pessoal ficava: “Que é isso Luiza?” Mas eu estava com 13; 27 parecia ser muito longe. Eu falei: “Mas eu acho, gente. Não tem problema, não. As coisas estão legais. Está tudo bem. Só que eu acho que vai acontecer. Na hora que for faço as pazes com Deus e vou embora”. Era assim. Aí, no ano em que eu fiz 27, isso não aconteceu – então agora eu já não sei. Agora eu já falo em ficar velhinha. Porque antes eu não falaria. Agora eu já falo. Ai, eu acho que eu desviei muito.

AVÓS

Avós paternos: Mariano Jacinto Botelho e Luiza Botelho. Maternos: José Rangel e Maria Rangel. Eu não conheci nenhum dos dois avós. Tanto de papai, o da minha mãe, meu avô materno morreu quando ela ainda tinha quatro anos. Então era uma história que eu ouvia sempre da minha mãe, mas não conheci – e nem foto ela tinha. Morava o pessoal era no interior, e aí não tinha nem esse esquema de foto. Então eu não conheci nem o meu avô e nem a minha avó materna. A ligação toda que eu tenho era de mamãe, que comentava muito sobre a infância dela. Aquelas dificuldades todas na roça e tal. Mas a mãe dela morreu quando tinha 15 anos. Meu avô morreu – eu nasci em 64, como eu falei, ele morreu não me lembro, eu acho que em 63 ele morreu, ou no próprio

ano de 64. Uns meses antes de eu nascer. Então era a minha avó, que é Luiza, o meu nome é em homenagem a ela, às duas avós, né? Luiza Maria. A origem dessa coisa. E minha avó, como eu te falei, morando com ela até os sete anos, então era um encanto só. Apesar de que hoje eu vejo que as avós têm uma proximidade maior, aquela coisa de brincar. Quer dizer, eu não me lembro de vovó brincando com a gente, mas fazendo muitas atividades juntas, sabe? Muita coisa. Era minha avó, e tinha uma tia solteirona que morava com ela, era irmã dela, a tia Zilda. É tia do meu pai, né? Que elas moravam juntas, e a gente morava com elas. Então a infância, essa figura da avó, vovó é que ocupava tudo. E era muito forte. Depois já de adulta, quando eu fui trabalhar no comércio, vovó fazia questão de eu ir almoçar na casa dela. Às vezes eu ia lá para dormir e tudo. Ela morreu já tem acho que uns cinco anos. E ela era de 1905. Então também contava muitas histórias, falava muita coisa. Foi uma relação muito legal, muito legal mesmo. Minha avó materna tinha ascendência indígena. O avô de mamãe era índio, pelo que ela conta. Mamãe tem essa dificuldade maior das coisas das histórias. Agora, quando eu liguei inclusive para confirmar casa e local que morou, é, porque é aquela coisa, é interior. E interior brabo, naquela época. Mamãe nasceu em 44. Então foi muita coisa assim, ela só foi vir a ter registro quando já estava em Campos, que foi para casar. Aí teve que acertar. Então essas histórias que a gente vê de Nordeste, Campos tinha essa coisa de pessoas que cresciam sem registro. Aquela coisa toda. Aí, quando ela já estava em Campos. Então tem algumas coisas da história que às vezes contam. Ela em alguns momentos já falou que o avô era índio. Aí já em outros momentos, uma irmã mais velha: “Não, mas ele não era, ele era, o pai dele é que era”. Sabe, a gente não teve contato durante a infância, contato com os parentes de mamãe. Eram só duas irmãs. Ela tem mais uns irmãos. Tinha um irmão que a gente ainda tinha um pouco de contato, eventual, muito esporádico, tio João. Mas o contato muito grande era das duas irmãs de mamãe. Que uma gosta muito de falar do passado, e a outra não gosta. A outra preferiu atuar assim: “Não, não quero falar dessa fase. Olhar para frente”. E aí ficava muito mamãe e a minha madrinha, dindinha, que é Luzia. As duas é que ficavam contando. Mas aí às vezes tinha essas contradições. “Não, aconteceu em tal...” “Não, Lucy, não foi”. Conversa dessas duas é aquela coisa que a gente ri, acompanha, porque não tem aquela precisão. Não tem foto. Para conseguir os documentos, é um

documento que você não pode confiar muito, porque quando foi tirado já foi depois, então às vezes algumas informações podem ter nessa coisa. Então eu não tive nenhum contato com esse pessoal, dessa coisa de índio. A gente só brinca porque mamãe é moreninha, cabelo muito lisinho. E essa coisa do cheiro logo assim, não sei o quê, eu fico brincando: “Ó, é o meu lado índio, não sei o quê.” Mas não tem contato, já tinha se perdido. Porque ela veio morar em Campos com uns 12 para 13 anos, eu acho. E talvez até um pouco antes. Porque é isso que eu estou falando, quando ela fala, mas aí eu começo a fazer as contas e aí alguma coisa não bate. Mas eu acho que era 12 para 13. Porque depois a mãe dela também veio para Campos. Quando ela estava com 15 anos, eu sei que a mãe faleceu. A vó Maria. Aí depois teve essa coisa, ela conta como é que ela conheceu papai, aquela coisa toda, os dois casaram, blá, blá, blá. Mas não tem essa coisa de infância, não tem nada da família. Não tem foto. Agora tem uns três, quatro anos atrás que um irmão dela mais velho faleceu; eles foram lá, tiveram contato com a família, mas na ocasião eu estava para Macaé, eu não pude ir. Então nem contato com eles eu tenho, e eles já têm um pouco mais de história assim.

Porque meu avô, pelo que minha mãe conta, era um cara muito conhecido lá na localidade. Porque ele era barbeiro. E barbeiro daquele lugar pequeno, em que todo mundo passava. Desde os mais simples até os figurões, os fazendeiros e tal. O nome dela mesmo foi escolhido por um cara que tinha várias terras na região. Então isso ela contava, que o nome dela foi ele que escolheu. Foi assim, enquanto estava fazendo a barba: “Ah, José, você vai ter uma filha? Então coloca, vai ser Lucy.” Quer dizer, vai ter não, já tinha nascido. Aquela época não tinha essa história de vai ter, saber antes. Era depois que nascia que você sabia o que era, se era homem ou se era mulher. Então a gente não tinha essa coisa.

Com vovó a gente já tinha mais um pouco. Vovó, o lado do meu pai tem uma prima que pesquisou, aí conseguiu subindo, descobrindo a coisa da origem, chegou na nossa família lá em Portugal. Só que eu não tenho assim esse contato de ter tido a curiosidade de ter visto. Eu sei que famílias Botelho são só três no Brasil. Todas elas de uma mesma origem, mas no Brasil seriam só três. Aí tem essa coisa, né? Meus irmãos – eu sou a mais velha. Então essa coisa de mais velha lá em casa pesava. Porque na

família era muito comum essa coisa: “Olha aqui ó, essa aqui é minha mais velha. E tal”. Mas é uma escadinha. Eu nasci em junho de 64, meu irmão agosto de 65, a outra setembro de 66 e a outra novembro de 67. Aí mamãe descobriu o anticoncepcional; tomou durante 15 anos e aí não teve mais.

Meu avô paterno era funcionário público. Trabalhava na prefeitura, em uma profissão, parece que era bem assim, eu não sei se era, ele trabalhava ligado direto na questão da limpeza urbana, como gari ou essa coisa assim. Ou se ele trabalhava, eu sei que era alguma coisa ligada à prefeitura. Porque minha avó inclusive com muitos anos recebia pensão dele nessa coisa da prefeitura. Meu tio trabalhava, irmão de papai, também trabalhava lá. Trabalha. Agora já está aposentado. Mas eu acho que era ligada a alguma coisa de limpeza urbana. Não sei se ele ia para as ruas ou se ele ficava naquela. Era uma pessoa muito simples.

INFÂNCIA EM CAMPOS

Eu nasci em Campos. Esta história de novembro é que dá a embolada. Porque na verdade tem essa historinha aí. Eu nasci em junho de 64. Fui registrada em novembro de 64. Então em Campos, até os sete anos. É, até os sete anos a gente morava junto com a minha avó. Era em um bairro lá em Campos. No centro de Campos, mas em um bairro, o bairro era centro. Era um bairro até muito legal. Mas as casas eram populares. A gente até chamava de barracão. Era o lugar que minha avó morava. Porque tinha algumas casas, e a minha inclusive – que eram casas de madeira. Não era um barraco, essas coisas. Eram casas mesmo, com quarto, sala, tudo separado, mas de madeira. E a gente chamava então de barracão. Então até os sete anos nós morávamos todos juntos. Mas aí Campos, essa região é uma região baixa. Então quando chove tem sempre problema de enchente. Aí nessa ocasião houve uma enchente, foi maior, então nós saímos, parentes. Era comum, quando tinha enchente, vinha um ou outro parente : “Vamos embora, vai lá para casa”. Quando esvaziava, voltava. Mas aí nessa ocasião a gente mudou de bairro. A gente saiu. Um cunhado de papai ajudou a gente a alugar uma casa. Aí nós fomos morar do lado da casa inclusive desse cunhado do meu pai, que ajudou lá no fundão. Aí eu fiquei lá, moramos lá um ano. Foi assim, em termos de

infância, foi a casa dos sonhos. Ela tinha escada alta, não sei o quê e tal. Mas aí papai começou a buscar um terreno para construir a casa própria.

Nós mudamos, e aí já foi para o lugar onde até hoje eu moro, considerando a residência em Campos, que era Guarus. Eu resisti muito como criança, porque era um lugar mais distante. E eu fiquei – eu lembro que eles foram e eu ainda estava passando férias na casa da minha avó e tudo, depois que eu fui para lá. E a infância toda correu por lá. Estudava, o colégio era lá perto mesmo, e a coisa foi acontecendo. E eu só saí de Campos em 87, quando eu passei para a Petrobras. Que aí em 87, naquela época não tinha essa coisa, esse esquema de vale-transporte – porque hoje tem muita gente que vai e volta para Campos diariamente, são uns 11 ônibus mais ou menos de pessoas que moram em Campos e trabalham em Macaé. Mas naquela época não, não tinha o vale, então ficava muito mais caro fazer essa viagem do que morar lá. Algumas pessoas já até faziam. Eu preferi ir morar lá. Aí fui morar em Macaé, fiquei morando até 88 em Macaé. Que aí em 88 eu embarquei, então voltei para Campos. Quando eu estava em Campos. Quando eu fui desembarcada já tinha o esquema do vale e eu fiquei viajando. Essa vida toda em Campos.

BRINCADEIRAS

Essa coisa da saudade, por exemplo, eu lembro muito. A gente, como eu te falei, meus irmãos, a gente tem uma relação muito legal. A diferença de idade entre nós é muito pequena, né? Meu irmão, como era o único em três mulheres, só ele, então ele é que tinha que se enquadrar nas nossas brincadeiras. E às vezes a gente se metia nas dele. Como a gente tinha uma criação muito próxima, nossa criação foi muito assim, aquele zelo muito grande. Mamãe levava a gente para a escola, mamãe pegava a gente na escola, sabe? Tinha aquele cuidado muito grande. Os nossos amigos que quisessem iam lá em casa, mas a gente não ia na casa de ninguém. Aí depois com muito, conhecendo muito, ela deixava ir e tudo. Então ali no bairro era mais, tinha os meus primos também, essa coisa toda. Não moravam perto, moravam naquele outro lado do centro. Mas nas brincadeiras depois, na época de escola, lembro que a gente tinha muito pique-bandeira, né? Que atravessava o pessoal para o lado de lá com a coisa da folha, o galhozinho de um lado e do outro que você tinha que pegar e atravessar o

campo e chegar, aquelas coisas. Pique-bandeira era uma atividade, pique-bandeira era o pique-lata, que saía uma lata e depois você tinha que chegar e dar um jeito de bater na lata e coisa e tal. Essas brincadeiras eu lembro mais do que das outras. Mas eu já gostava muito de ler desde cedo. Então alguns momentos a coisa estava rolando e eu estava lá com o livrinho, lendo e tal. Comecei a fazer palavra cruzada já muito cedinho também. Então gibi, essa coisa. Então não tem assim nada, essa coisa da saudade não vejo. Eu sou muito de cada momento. Cada fase tem seu momento. Vivi ela plenamente. Passou. Então bola para frente. Mas não sou muito de ficar alimentando. É, nostálgica, essa coisa. Lembro com muito carinho das fases. Eu acho que eu tenho essa vantagem, essa felicidade. Às vezes a gente conversa com pessoas que passaram por suas fases: “Ai, sinto saudade danada”. Parece que não viveu alguma coisa lá. Eu vivi. Eu acho que todas as fases eu vivi bem. Vivi intensamente. Tive uma infância muito legal. Muita pobreza, assim no ponto de vista de dificuldades. Mas nunca passamos fome. Nunca teve aquela, mas era uma dificuldade grande assim, de roupa de primo. Que primo cresce, engorda e você recebe. E recebe numa boa para ajudar e tudo. Essa coisa emociona um pouco. Meus pais, mamãe nunca trabalhou fora. Papai ralando no comércio, aquela coisa toda. Então essa fase de mais dificuldade ajudou a valorizar muito depois. Aquela coisa de querer fazer, de querer ter um emprego melhor, né? Depois, quando a Petrobras vem, a coisa começa a folgar lá em casa. porque a Petrobras começa a criar oportunidade para casa, né? E olha que o salário lá não era dos maiores. Mas era uma estabilidade, uma segurança. Antes da Petrobras eu lembro que meus pais tinham orgulho muito grande lá da Federal. Eu estudei na Federal. E eu me lembro do orgulho que era o papai de eu estar naquela escola. Porque era escola técnica, que no passado, na época dele, eram artífices. Aí evoluiu para escola técnica. Eu acho que a frustração dele só comigo foi que eu não quis desfilar na escola, só. Aquele desfile de 7 de setembro. Eu desfilei em todos os desfiles do Rotary, que foi uma escola que marcou muito. Foi muito legal a minha passagem pelo Rotary.

RELIGIÃO

Eu saí de anjo, fiz catecismo, frequentei grupo jovem. Acompanhava as procissões. Eu ia para a igreja com tia Zilda, foi com quem eu me lembro bem de ter começado.

Mamãe nessa época também ia. Papai ia menos. Papai ia mais era quando tinha aqueles eventos religiosos em que tinha que aparecer mesmo. Mas ele chegou em uma época a participar mais. Tinha lá os homens também. Eu lembro que tinha umas faixas, umas coisas. A congregação também da igreja, e a gente ia. E tinha uma das igrejas lá em Campos que até hoje é uma igreja muito bonita, Nossa Senhora do Carmo. Ela tem o teto, tem várias pinturas e aí vai contando todas as histórias bíblicas e tudo lá no teto. E eu, como criança, aquele padre lá de costas, rezando em latim, o teto era minha diversão. Tia Zilda mandava a toda hora olhar para frente, para o padre. Beliscava. Mas eu era, eu tinha o cabelo na cintura quando eu era menina. Até na verdade até 81 meu cabelo sempre foi muito ralinho e tal, mas comprido, lisinho. Não sei se isso ajudava ou se ajudava o fato de tia Zilda também estar na igreja eu não sei. Eu sei que era muito comum nas atividades religiosas de lá – tinha o coroamento de Nossa Senhora. E eu tenho uma ligação, até hoje mesmo não tendo uma religião, não praticando até hoje, eu tenho uma ligação muito grande com Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Porque eu nasci em 27 de junho, é o dia dela. Então desde que eu me entendo por gente nesse dia mamãe manda celebrar a missa, agradecimento, aquela coisa toda. Mas eu sei que tinha outras santas, que tinha aquela coisa e tinha o que eles chamavam de coroamento, né? Mês de maio, mês de Maria. Aquela coisa do terço todos os dias, então eu ia. Aí tinha procissão, eu saía de anjo. Depois ia lá em cima o pessoal jogava pétalas e colocava a coroa. Então a minha relação com Maria é muito legal. Não é com a religião, mas assim, eu acredito em Deus. Acredito em Cristo, assim, enquanto ter passado toda aquela coisa e no movimento sindical, no PT eu encontrei muitas pessoas materialistas. Que riam, brincavam. Alguns criticavam um pouco essa coisa da religião, o quanto alienou. E do ponto de vista do processo histórico, tudo bem. Mas eu digo: “Ó, gente, é uma coisa que eu sinto, aí eu não...” E depois também encontrei muitas pessoas que mesmo sendo assim respeitavam muito. Chegamos lá. Eu quase que de um salto, em 81, quando eu entrei para o PT. Que foi quando eu comecei a ter contato com o pessoal e tudo. E eu ainda tinha essa coisa de participar de grupo jovem da Igreja. E eu acho que isso me ajudou muito na formação de engajamento, de visão, de solidariedade. Dessas coisas que a gente desenvolvia. Porque era uma Igreja, aí já nessa época já era uma Igreja mais atuante. Mais aquela coisa da opção pelos pobres,

né, que a gente ia. Eu dei aula de catecismo em alguns bairros, em alguns distritos. Em Campos, dia de sábado grupo e jovens, e a gente pegava as crianças menores do que a gente, reunia. E aí tinha aquelas atividades bem lúdicas e coisa e tal. E também aí a Igreja não ia nos levar lá à toa: um pouco do catecismo, né? Mas tinha essa coisa de desenvolver essas atividades.

ESTUDOS INICIAIS

O Rotary é a escola. Eu estudei lá da terceira até a quarta série. Aí não tinha quinta; eu fui para uma outra escola. General Dutra. Aí fiz a quinta série. Só que o Rotary começou a ter o ginásio. Só que era assim: um ano tinha quinto e só no ano que ia ter uma da sexta. Então eu até voltei para a escola, para esse Rotary 2, como ouvinte da quinta série. E aí, quer dizer, os meus pais sempre incentivando muito que a gente estudasse, que é aquela história, né? “Vocês vão ter que saber mais do que a gente. Ter uma vida melhor.” E aí então teve lá no Rotary esse despertar para a coisa do, lá no Rotary não era grêmio estudantil – era centro cívico. Então o Rotary foi muito legal nessa coisa do Centro Cívico. Era uma escola que de vez em quando, quando chegava autoridade eu estava lá fazendo uns discursinhos. Plantando árvore para os caras que chegavam. Só que uma coisa muito dentro do padrão. Eu fico rindo, porque eu tenho um amigo que é um amigo muito antigo, trabalha na Petrobras; ele ri à beça. Ele fala: “Luiza, você foi para o asfalto” – que é a BR-101 – “dar adeusinho para o Garrastazu Medici passar todo de gala. Que coisa horrorosa. Depois como é que vai para o PT?” Então tem essas coisas todas.

Aí eu voltei para o Rotary. A quinta série eu cursei como ouvinte, porque eu já tinha passado na outra escola, então eu não era para estar ali fazendo a quinta série. Mas minha mãe preferia, porque o colégio era mais perto. Não tinha aquele problema de atravessar a BR-101. Aquela preocupação dela. Porque ao longo da entrevista você vai ver que eu e minha mãe, o cordão umbilical ainda não está cortado não. Estou com 38 anos; ela, 58, mas ainda é um xodó muito grande. Eu não casei. Então essa ligação ficou mais forte ainda dela de amparo e a questão financeira e tudo isso. Mas eu fui, voltei para o Rotary por conta de tudo isso e fiz lá. Da quinta à oitava série.

ESCOLA FEDERAL

Então no lugar do científico nessa época tinha opção do curso técnico. Ainda era uma coisa do segundo grau. Então não fiz o científico. Fui fazer o curso técnico. Quando estava fazendo a oitava série já fui para a Federal fazer o pró-técnico. Que aí a escola técnica ela oferecia isso, a alunos tanto da rede privada quanto da rede pública, a possibilidade, ela fazia um curso preparatório para entrar nela. A Federal era quase que um vestibular. Na época era uma escola muito concorrida, que era uma escola pública. Técnica. Formava justamente na ocasião essas coisas de grandes empresas, de possibilidade de mercado de trabalho. Era a Federal que apontava muito para isso. Meu sonho era fazer magistério. E quando eu estava na sétima, na oitava série, trabalhava. Aliás isso era desde pequenininha. Eu quando tinha oito anos, nessa casa lá que eu falei que eu achava um sonho, a casa era grande e a gente como era pobre não tinha condições de ocupar com móveis, com coisas todos os cômodos. Então tinha cômodos vazios que eram verdadeiros quartos de brincadeira para a gente. Então imagina para as crianças que não têm, depois você vai tendo idéia por que aqueles cômodos eram vazios. Mas na época era aquela festa. Diversão. E eu me lembro que com oito anos papai comprou um quadro-negro? Aquele quadro verde. E eu, e pendurou na parede para mim. E às vezes meus irmãos, meus primos eram obrigados a sentar na minha frente. Eu com a varinha e dando aula para eles e coisa e tal. E às vezes eles conseguiam escapar, não queriam se sentar, e aí eu dava aula sem ninguém. Aulas imaginárias. Às vezes mamãe abria a porta e achava que eu estava falando sozinha. E depois ia perceber que não, que eu estava dando a minha aulinha. Então era um sonho muito grande essa coisa do magistério. Mas aí quando eu saí, terminei o magistério, o lado prático em alguns momentos fala muito alto. É um negócio: muita emoção, mas pezinho prático falando. Magistério, a carreira na época não era reconhecida devidamente. Uma dificuldade muito grande. E a Federal abria possibilidade de trabalho em grandes empresas. Aí lá fui eu. Fiz, passei. Passei bem. Eu passei no pró-técnico, foi uma surpresa, porque era escola pública que eu fazia; todo mundo achava que eu não ia passar para o pró-técnico. Eu passei em terceiro ou quinto lugar, uma coisa assim. Aí depois para a Federal eu passei entre os cinco primeiros e tudo. E aí eu fiz a Federal. No primeiro ano – eu fui fazer o técnico de Edificações – primeiro ano logo eu

quase que desisti. Porque quando chegou a lista de material, um material caríssimo. Compasso Kern, régua T e não sei mais o quê. Minha família em peso: “Não, você não vai desistir.” A própria escola também ajudou muito com a coisa do material. Porque tinha o esquema que saía e ia passando e tal e eu fiquei. Mas eu sabia que eu não tinha a ver com aquele curso técnico. As matérias que eu mais gostava eram justamente as matérias que não tinham a ver. A grande maioria gostava do, doido para entrar na coisa técnica e tal e eu adorava era o português, era história, era OSPB. Eram as matérias ligadas às questões sociais, humanas, né? Mas aí eu entrei, em 80.

GRUPO DE TEATRO

Logo em 81 foi formado o primeiro grupo de teatro da escola. Artur Gomes, que era um cara que já trabalhava na escola e fazia teatro, escrevia livros e tal. Botou um quadrinho lá chamando o pessoal. Ia ser montado o grupo de teatro na escola, não sei o quê. Aí fomos. Um pouco de preconceito agora, sou obrigada a reconhecer. Falei assim: “Ah, vai ver é uma peça infantil.” Eu digo preconceito porque não necessariamente a peça infantil é mais fácil. Mas eu fui, achando que era uma coisa assim: “Ah, deve ser uma pecinha. Vamos lá.” Aí fui. Quando eu cheguei lá não era essa coisa, mas aí fiquei no grupo do teatro. Artur estava montando um livro dele chamado “Boi Pintadinho”. Que fala justamente da ditadura militar. Ele faz um paralelo muito grande com a cangalha do boi. Com a ditadura. Com a coisa da população. E Campos é uma cidade em que os usineiros, né, fizeram um estrago muito grande na coisa da exploração. Cidade cheia de bóia-fria, aquela coisa toda. Então o livro dele resgatava muito tudo isso. E aí Artur começou também a preparar a gente no sentido de fazer alguns laboratórios, uma coisa de teatro e fazer algumas leituras de livros. Que até então eu nunca tinha tido acesso. Era uma outra visão. Meu pai sempre votava no PMDB. Minha mãe não tinha título até então. Porque era aquilo: “Para quê? O voto dela não vai mudar. Para que tirar título? É dona de casa. Não precisa.” E papai votando no PMDB. Mas assim, política lá, a gente aqui. Você vê a formação do meu pai, aquela coisa do TFP: então comunista come criancinha, ele estraga tal, tal, tal. Aí Artur indicou um livro para a gente que até hoje toda vez que eu lembro desse livro, que foi o primeiro livro que eu li que mostrou outra história, mas eu faço um pouco de confusão. Eu não sei se era “Camarim de

Prisioneiros” ou “Camarote de Prisioneiros”. É do Alex Polari. E aí eu li. Os porões da ditadura vieram todos assim. Aí eu falei: “Mas que droga. Eu fui para lá dar tchauzinho para aqueles generais que passaram. Toda vestida de gala, roupa, luva. Roupa, manga até aqui”. Mas tudo bem, essa coisa e tal. Fui, comecei. Aí Artur comentou: “Olha, aqui em Campos também a gente está criando o PT. O Partido dos Trabalhadores e tal, não sei o quê.” Mas ficou nisso. Aí fizemos teatro, montamos, viajamos com a peça, a escola.

GRÊMIO ESTUDANTIL

Então você vê a minha Federal, encantou essa coisa. O pessoal vibrando com o curso técnico, aquela coisa de sair de lá técnico de edificações e eu adorando os espaços que a escola oferecia. Tinha o que a gente chamava de Clube da Caixa D’água, que era um pessoal que se reunia porque ela tinha uma caixa d’água grandona. No meio do pátio da escola. E ali nos intervalos a gente se reunia. O pessoal estava com violão. Aí cantava naquela época Fagner; era alternativo. Depois ficou mais comercial – naquela época, não. Então tem músicas assim que marcaram muito, que era o pessoal do Clube da Caixa D’água que ficava lá com violão. O pessoal do grêmio estudantil e tudo. Eu cheguei a participar do grêmio, não sei se em 80 já ou se em 81. Também cheguei a participar do grêmio estudantil. E aí o grêmio estudantil já questionava aquela coisa da liberdade, da autonomia do grêmio em relação à escola e tal, tal, tal. Então isso foi em 81.

ESTÁGIO

Eu sei que o curso rolando. Passando de ano, mas me envolvendo ao máximo com essas atividades. Quando foi em 82 eu concluí. Teve a eleição, eu mergulhei de cabeça no processo eleitoral lá do PT de Campos. Quando terminei em 82, em 83 era o momento do estágio. A gente só consegue ser reconhecido como profissional, técnico de edificações se fizer o estágio. Eu cheguei a começar o estágio, mas no meio do estágio eu vi que não dava. O cara era um arquiteto muito legal, mas eu falei: “Não vou concluir isso.” O estágio pagava muito mal, eu já estava louca para começar a trabalhar para ajudar em casa. Não fiz. Então eu fiquei apenas com o certificado do segundo

grau, né? Sem ser técnico. Não sou técnica em edificações. Não me procure para ajudar na construção de casa nenhuma.

FUNDAÇÃO DO PT

Aí em 81 foi que eu fui apresentada ao ex-governador Anthony Garotinho – na época ele era só radialista lá em Campos. Eu conhecia de nome, mas não ouvia o programa dele. Era um programa mais popular, para dona de casa, não sei o quê. Foi apresentado por um amigo em comum. Aí ele veio na rua, assim, em um calçadão em Campos. Ele falou: “Olha, a gente está fundando o PT, partido lá do Lula e coisa e tal. Vem em uma reunião, você vai gostar. A gente já está trabalhando os nomes dos nossos candidatos para a eleição (que era em 82). O nosso candidato a prefeito é um negro, é um cara jovem. É o Sidney Pascotto. Que aqui no Rio está no Conselho de Economista, e coisa e tal. Aí eu vou ser candidato a vereador. Mas independente da minha campanha, eu quero que você vá para, a gente está formando o partido. O partido já tem alguns filiados, já tem alguma direção, mas é uma coisa de processo”. E eu fui. E aí fiquei. E aí depois teve aquela história, ele saiu do partido, aquela coisa toda. Na eleição de 82. Ele era muito novo, devia ter 21, 22 anos. E o partido era formado por muito pessoal dessa faixa. Alguns mais um pouquinho, mas os mais velhos deviam ter 30 e poucos anos. Naquela ocasião, muitos professores. Aí eu conheci, em 81, o Lenilson Chaves, que foi uma pessoa muito importante lá no partido em Campos. Ele está até hoje no PT. Mário Lopes. Aí teve um grupo, o Eduardo Peixoto. E aí foi. Na questão da mulher teve uma pessoa que foi muito legal, a Hercília. Ela é professora. E naquela época tinha ela, tinha mulheres que – você vê, eu estava com 17 para 18 anos, e elas estavam com 30 e poucos – já discutiam a coisa do feminismo, da questão do corpo, da liberdade. Da coisa da mulher. Já falavam um pouco alguma coisa de gênero, não sei o quê. E aí eu comecei, essa pirralha andando com aquela turma mais velha lá, discutindo essas coisas. Tinha uma que era muito legal, ela falava essa questão do feminismo, mas trazendo muito para aquelas mulheres simples que estavam lá. Como poder associar essa discussão de feminismo sem ser aquela coisa elitista. Porque em alguns momentos a discussão que estava no feminismo, predominando lá, ficava um pouco fora daquela dona de casa cuja preocupação era o filho. Como trazer isso. Aí a

gente fazia algumas reuniões só de mulheres. Elas falavam e as mulheres, que variavam as idades desde adolescentes com 17, 18 anos, como eu, até aquelas mais velhas, algumas já senhoras. Então foi uma experiência muito legal. Essa coisa bateu muito, eu muitas vezes fui carimbada de feminista, coisa da mulher.

REBELDIA EM CASA

Nessa época do PT deu uma certa rebeldia em casa. E foi uma das poucas épocas que eu tive grandes discussões com meu pai. Campos, uma cidade em que o machismo é imenso. TFP, como eu falei: Tradição, Família e Propriedade. Até hoje, até agora recentemente ela ainda tinha uma força em Campos. Então papai não se conformava de eu estar no PT por duas variáveis: primeiro, que tinha meu padrinho, agora não é vivo mas nessa época era como segundo pai. Morreu tem uns três anos, Dino, ele conhecia muito. Ele foi caminhoneiro nessa época. Nessa época ainda estava trabalhando de caminhoneiro, mas também era ligado a essa coisa de aeroclube lá em Campos e conhecia também algumas pessoas ligadas à Polícia Federal. Dino conheceu Deus e o mundo naquela cidade. E nessa época, 81, 82, algumas pessoas mandavam recadinhos. “Olha, esse partido está lá, comunismo.” Uma distorção danada, imensa. Mas então papai tinha uma preocupação com essa pressão que a família fazia. O que é que era aquilo. Lula sendo preso no ABC. Já tinha sido, mas aquela coisa, aquele movimento. Aquela coisa toda. Então tinha aquela preocupação. “Esse partido, ah, não vai dar em nada. A vida toda é assim, ninguém nunca conseguiu mudar nada. Vocês que não vão mudar.” Tinha essa preocupação. E tinha outra que era aquela coisa do pai zelando pela honra, pela moral, coisa e tal da filha que começa a chegar em casa tarde. Porque a gente não tinha grandes recursos e tinha esses comíciozinhos nos vários distritos. E aí o Mário Lopes, que era o professor lá da Federal, era o candidato à vice-prefeito. Morava também em Guarus. Então eu era a última que ele deixava em casa. Aquele carro que aperta, aperta que dá. A gente saía dos comícios, terminava comício 10 e pouca da noite, porque tinha que esperar depois da novela, aquelas coisas todas, senão não ia ninguém. Aí eu chegava em casa, já às vezes passava até da meia-noite. Isso em 82, quer dizer, eu estava com 18 anos. Mas, ah, imagina, não. O que é que é? Eu, minha mãe era preocupação. “Ah, a gente fica

preocupada porque pode polícia ou um acidente.” E para papai eram os vizinhos: “Ah, o que é que os vizinhos vão falar.” “Minha filha, um homem te deixando. Um homem casado te deixando.” Eu falei: “Papai, é o Mário Lopes. Professor. Candidato a vice. Não é esse homem.” “Ah, mas o vizinho não quer saber. Um homem casado te deixando.” Eu me lembro então que a gente tinha uns arranca-rabos. E antes disso lá atrás, lá bem atrás. Eu acho que eu tinha uns 10 anos, 8. Oito anos. Nós tivemos também uma discussão. Eu também tive uma discussão dessas assim com meu pai, eu me lembro. Mas aí já outros motivos. Ele tinha um amigo que saía muito. Mamãe se queixava porque ele estava em casa, o amigo chegava e chamava para sair, não sei o quê. Aquelas brigas de casal, e eu acabava me metendo um pouco nessa coisa. Uma vez chegou um amigo dele lá, eu falei: “Pô, para que é que você vem aqui? Meu pai está em casa sossegado e você chega aqui?” Aí eu sei que a gente teve uma briga. Eu corri para o quarto. Papai tentou bater e mamãe não deixou. Aquele barraquinho de família assim, essa coisa. Mas a gente ficou assim meio estremecido. E aí eu cheguei a falar, eu falei assim: “Porque quando eu tiver 18 anos eu saio de casa. Porque aí eu vou ter meu dinheiro e saio de casa.” E foi muito engraçado, porque depois eu fui para a casa da minha avó e lá os parentes de papai chegavam e eles tinham o hábito de falar assim: “É essa que é de Luiz?” E eu ficava indignada. Não tinha nenhum conceito, essa coisa de mulher bá, bá, bá, mas eu já eu falava assim: “Eu sou a Luiza.” Aí eles falavam: “Ah, é essa mesmo. Eu estou vendo. Não é essa que quando fizer 18 anos vai sair de casa?” Eu falei: “Ih, já espalhou.” Resultado: eu não saí de casa coisíssima nenhuma. Não teve essa coisa. Mas tinha um pouco dessa briga, dessa coisa da auto-suficiência. Da independência e tudo. Aí em 82 teve essa coisa toda. Mas aí peita para lá, peita para cá, e eu estabeleci até a meia-noite. O pessoal brincava, eu falava: “eu tenho que ir embora senão eu viro abóbora.” Tanto é que até hoje às vezes vai dar meia-noite, eu falo para o pessoal: “Eu tenho que ir embora, senão eu vou virar abóbora.” Que era a coisa da Cinderela, porque estabelecemos na conversa, na discussão depois combinamos com meu pai podia continuar chegando lá, mas não podia passar de meia-noite. Meia-noite era o meu teto. Quando as coisas aconteciam. Até que depois isso foi relaxando e tudo.

EMPREGOS NO COMÉRCIO

Eu fui trabalhar no comércio. Que Campos nessa época a opção maior que tinha era comércio. Não tinha grandes empresas – como infelizmente até hoje não tem. Não é nenhuma crítica, não. Não é porque eu fui candidata a prefeita – depois a gente chega lá. É que não tem mesmo. Na cidade um dos maiores problemas é a questão do desemprego, ou pelo menos bons empregos. Eu fui trabalhar com vendas. Tinha uma fábrica de biscoito Torrê, que eram vendas em casa. A gente batia na casa e fazia aquele pacote. E na época algumas pessoas quase que me mataram: “Como que alguém que se formou na Federal vai trabalhar em vendas? Batendo nas casas, vendendo biscoito. E não sei o quê.” Eu falei: “Ah, gente, é que está me dando uma grana maior do que o estágio. Eu quero é a coisa da grana. Não vou ficar nessa a vida toda, mas preciso a coisa da grana.” Aí eu voltando então em 83, trabalhando e alguns colegas que tinham se formado tanto antes de mim já estavam trabalhando na Federal. Na Federal, desculpa, na Petrobras. Alguns tinham ido lá para a CSN, outros, a maioria, para a Petrobras. Outros tinham ido para algumas outras empresas. Aí eu tive uma colega que em 83 ela fez o concurso para a Petrobras e passou. Mas eu não tinha em 83 nenhuma experiência na área administrativa. Passou para auxiliar administrativo. Outros entraram, conseguiram entrar em outras questões para operador, para mecânico e coisa e tal.

Aí eu acho que em 83 eu saí da coisa do Torrê; surgiu emprego em uma loja. Na loja de decorações Vilanueva Decorações. Que trabalhava com tecidos. Fazia tecidos, colchas de matelassê e tudo. E aí era uma loja, e trabalhava com a representação dos móveis *tubeline*. Aqueles móveis de PVC. E ela era a única representante em Campos na ocasião. E eram móveis caros, móveis para piscina, para jardins. E ela, Maria Alice, que era a dona, e eu a única funcionária. Então fazia o livro-caixa, aquele negócio, mas ela tinha a contadora. E ela trabalhava muito junto. E era uma loja a que a *society*, a sociedade de Campos então ia. Porque era aquela coisa de que ela que escolhia os tecidos para fazer as cortinas. Eu comecei até a ter contato com outros comerciantes de outros setores lá de Campos. Alguns donos de usina, não sei o quê. Mas aí a Maria Alice era uma pessoa que estimulava muito no sentido de, a loja tinha dificuldade mas ela chegava junto também, e tudo. Foi uma pessoa que também ajudava essa coisa de

estar impulsionando, embora não quisesse perder. Mas a gente estabeleceu uma relação bem legal.

Aí eu trabalhei lá e quando foi em, acho que 85, eu fui para uma outra loja. Era uma confecção. A fábrica da loja era em Porciúncula, e eles tinham uma loja em Campos. Então era fabricação própria. Que era a M. Colt. Os donos eram dois irmãos, um trabalhava na Petrobras e o outro trabalhava no Banerj. E meu tio, marido da minha tia irmã de mamãe, ele trabalhava já havia muitos anos no Banerj. Aí Marcos conversou com o tio Hélio: “Olha, eu queria, eu estou com a loja, mas não está coisa, eu queria uma pessoa de confiança, porque não dá para ter muitos empregados.” Aí tio Helio lembrou de mim, que já estava trabalhando lá. Me chamou. Falou: “É de novo essa coisa. Fazer tudo. Vai ser a minha gerente, mas vai ser a minha vendedora. Vai fazer também a parte de contabilidade, do movimento diário. E tem ainda algumas atividades relacionadas a escritório também, de receber algumas outras representações que, às vezes, chegavam lá.” Mas a idéia era trabalhar só com fabricação da M. Colt. Aí eu fui. Logo depois ele acabou precisando de uma outra pessoa – a loja começou a ter mais movimento – e até pegou a minha irmã. Ficou aquela coisa bem família, né? Aquela família de lá, aquela coisa. A gente lá, a minha irmã mais nova, a Ciene. Aí ficamos nós duas trabalhando.

UNIVERSIDADES

Tinha algumas faculdades. Tinha Faculdade de Direito, tinha a Faculdade de Medicina e a Odontologia. Todas as três eram privadas. Todas as três eram particulares. Aí depois foi para lá a Uenf. A Uenf foi para lá com o Darcy. Na época do Brizola, Darcy e tal. Aí que a Uenf foi para lá, e hoje Campos inclusive chega a ser um pólo em relação a todas as faculdades, quase todas, né? Mas eu digo, as maiores estão lá. A Estácio, tem lá a Cândido Mendes. E é uma situação que eu fui ver agora em 2000 quando eu fui candidata a prefeita lá em Campos, que eu fui fazer campanha nas faculdades. Teve um momento que eu falei: “Caramba, não tem campista aqui.” Era uma coisa até que eu usei no programa. Porque chegava com o material, um monte de gente vinha me cumprimentar, dar força. Ou às vezes aqueles que não queriam pegar: “Não, não quero material. Eu não sou daqui. Eu sou de Bom Jesus. Eu sou de Macaé. Eu sou de

Conceição. Eu sou de não sei aonde. Eu sou de Minas. Eu sou de São Paulo”. Então os municípios mais perto têm até esquema de ônibus. O pessoal vai e vem para a faculdade; às vezes eles se juntam. Então teve momento que a gente estava até discutindo a questão de Campos, uma cidade que tem tantas faculdades, com a Uenf inclusive. Mas da população de Campos tem que ver quantos conseguem ter acesso a essas universidades. Elas estão lá, aí entra aquela discussão de projeto de desenvolvimento do município, mas até que com uma visão meio bairrista, de proteção àquilo lá. Porque o que é que você tinha? Você tem uma realidade de pessoas de fora que vêm estudar ali, ficam ali e até geram alguma coisa na economia local. Porque muitos deles vêm de longe. Então é pensão, é lugar que ficam. Alugam casa, formam repúblicas. Isso dá um outro movimento. Ajuda na questão cultural da cidade. Dá aquela diversidade, aquela coisa toda, mas quando se formam vão embora. E aí? Aquele projeto de você ter uma faculdade voltada para o desenvolvimento do local e tal? Então foi outra coisa a abordagem que a gente deu – uma puxadinha na época da campanha, entendeu? Porque Campos tinha essa coisa. Quer dizer, o petroleiro que trabalha embarcado ou mesmo aqueles que viajam, eles voltam na cidade de Campos. Gastam ali, investem ali. É ali que estão seus filhos estudando, é ali que pagam impostos, essa coisa toda. Mas boa parte dos recursos, essa coisa toda, ficava em Macaé. Depois, não, a questão dos *royalties*. Campos hoje é uma cidade privilegiada na questão da arrecadação. Porque Campos e Macaé, a maior produtora da Petrobras está ali, né? Orgulho de todo mundo.

SONHO DOS BRASILEIROS

E a Petrobras nessa época já tinha essa questão da simbologia não só da estabilidade no trabalho, mas daquela empresa que significava o sonho dos brasileiros. Porque essa minha trajetória no partido – o PT nessa ocasião ainda tinha uma opção muito grande por essa questão estatal, né, para o monopólio. Então entrar na Petrobras para mim tinha muito esse orgulho de, primeiro, ser um lugar em que você entrava e pensava assim: “Entre em uma empresa que aqui eu vou construir uma carreira e aqui eu me aposento.” É uma coisa até um pouco diferente disso; o RH da empresa vive falando. A gente sabe que hoje quem vai entrando, esses novos empregados na Petrobras não

têm muito mais essa visão. Isso é muito claro. Mas eu que ainda entrei em 87, essa turma em que a gente entrou, até esse concurso, tinha essa visão: “Eu entrei em uma empresa que aqui eu, aqui é a minha aposentadoria.” E não é aquela coisa da acomodação. Mas aquela coisa de que aqui, aquela coisa de construir essa empresa. Uma empresa que vai desenvolver. Na hora em que começa a cair em um lugar você vai para um outro. Porque a gente tinha lá muita gente que tinha vindo da Bahia, que foi onde tudo começou. Então a gente até brincava: “Ó, estamos no auge da produção.” A Bahia dizia: “Nós sabemos o que é isso. Se vocês não pensarem em alternativas depois vai ficar com sonho de alguma coisa que significou tudo isso, mas que hoje não é mais. Luta para manter lá aqueles campos, aquela coisa.” Que a Bahia, Aracaju aquela região... Mas quer dizer, uma empresa que nos permite ter essa questão nacional, né? A Petrobras ocupando. E aí a comunicação na empresa sempre foi uma coisa muito positiva. As rotas, os telefones funcionam muito. Quando eu estava trabalhando em Macaé quando eu precisava resolver alguma coisa – fosse lá no Rio Grande do Sul ou lá em Manaus – era pegar o telefone e discar a rota e rapidinho você estava resolvendo. Fax naquela época ainda bastante usado. Então dava essa coisa, né? Quem tinha carro ia abastecer no Posto BR, sabe? Nos postos Petrobras. Aquela coisa toda. Isso tudo era muito forte. Era muito trabalhada a coisa na família nesse aspecto.

CONCURSO DA PETROBRAS

Só que aí eu trabalhava lá, mas comecei a fazer um monte de concurso público. Porque era aquela questão da estabilidade que o emprego público oferecia. Então eu fiz concurso para o INSS, para o Banco do Brasil. Para a junta, o TRT, que era Junta de Conciliação e Julgamento. Fiz para a Petrobras já em 87. Final de 86, início de 87 deve ter sido o concurso. Eu lembro que eu fui a Macaé fazer a prova. E aí Banco do Brasil eu perdi. INSS eu fiquei na lista classificada, mas em lista de cadastro. E fui fazer, passei também no TRT, que era para Junta de Conciliação e Julgamento, a vaga a princípio seria lá para Macaé. Mas também no cadastro. E aí fiz o da Petrobras e aí passei. Foi muito engraçado, porque a primeira fase eu falei, a primeira fase foi tranquila, português, uma redação. Essa parte para mim era muito tranquila. Só que

depois tinha a prova de máquina de datilografia. Eu falei: “Não, isso aqui vai ser...” Quando eu fiz a prova, era o pessoal do Setre – Seleção e Treinamento – que estava lá e tudo. E teve uma hora que eu estava lá tá, tá, tá. E eu olhando para aquele negócio. Aí eu me preparei, fiz cursinho; um cara muito rigoroso. “Não, não olha para a máquina – olha para o texto.” Aquelas máquinas pesadas, ruim de bater. Resultado, sei que no dia da prova estou lá, naquela empolgação, que quando olhei a folha já tinha acabado. O cara puxou assim. “Obrigada.” Virou, eu falei: “Cara, eu não passo nessa prova. O pessoal vai ter que ser muito ruim nessa coisa de datilografia para eu passar.” Eu acho, até hoje eu nunca futuquei essa coisa, mas eu acho que o meu resultado na prova de português foi bom demais e compensou aquela de datilografia. Eu sei que eu fui chamada e aí começa a grande mudança da coisa de sair lá de Campos e morar sozinha em Macaé, né?

Antes tinha tido a briga, e eu tinha participado desse *lobby*. Porque quando a Petrobras foi para se instalar na região no final da década de 70 a idéia era, tinha dúvida se ia se instalar em Campos ou se ia se instalar em Macaé. E tem até hoje essa rivalidade dos dois municípios. Aquela rixa macaense, campista. Na Federal a gente brincava muito com isso. E aí os usineiros, aquela coisa toda, não houve nenhuma pressão por questão da política. Macaé fez uma pressão muito maior e do ponto de vista estratégico: porto, aquela coisa toda. A Petrobras optou por Macaé. Mas acontece que mesmo sendo em Macaé a presença de pessoas de Campos que trabalhavam em, na Petrobras era muito grande. E eram meninos que saíam – digo meninos porque eles saíam da escola novos, 18, né, 19 anos os que tinham repetido um pouquinho mais, e faziam o concurso. E a Petrobras precisou de muita gente. E petroleiro em Campos nessa ocasião era *status*. Em restaurante, em loja, no comércio. O cara chegava assim, meio como quem não quer nada, chinelinho. “Ah, onde é que você trabalha?” “Petrobras.” “Ah, Petrobras? Tem mais um negócio ali.” E eu me lembro que antes de entrar na Petrobras, ainda em 87, teve uma vez que eu estava em um restaurante. Eu namorava um carinha, a gente saía muito. Aí encontramos uns colegas nossos que eram petroleiros e tinha outros que eu estava conhecendo ali naquele momento. E teve um momento em que houve uma certa discussão – na coisa da conta, sabe? Eu falei: “Ah, vocês não vão vir para cá dando essa carteirada, essa coisa podre de petroleiro,

né? Porque não, é podre. Aqui, deixa que eu pago.” Não é a coisa da solidariedade. É a coisa de dizer eu posso, comprava o carrão do ano. Tudo muito novo. Depois essa coisa o pessoal foi amadurecendo. Também o poder aquisitivo na Petrobras foi baixando. Mas aquela simbologia que tinha para as mulheres que queriam casar suas filhas com os caras que trabalhavam no Banco do Brasil passou para a Petrobras. Houve depois as que queriam casar os homens com mulheres da Petrobras. Mas normalmente a mãe é mais casamenteira com a filha. Filho não, ele ainda é novo. A filha que fica naquela história de querer casar. Interior. Eu estou falando de Campos, né, a década de 80 – então essa coisa era mais forte. Aí então tinha já vários colegas aqui.

O PRIMEIRO DIA

Eu lembro bastante desse momento da questão de quando surgiu, eu me lembro quando surgiu inclusive o telegrama. Porque antes de entrar ainda teve um peso danado que foi o montão de exames médicos a que a gente é submetida. Então você já ficava assim ansiosa. Você passou aquela fase, é uma maratona. Passei no concurso, então, quer dizer, passou naquela primeira fase; fez depois a datilografia. Passou. Agora vamos para a bateria de exame médico. E vai para um lugar, e vai para outro. E no exame médico a gente às vezes encontrava gente que era desclassificada. Embora na nossa área administrativa era muito mais raro. Era mais pessoal de operador. Que às vezes tinha um problema na coluna. Aí passou. E aí teve, essa coisa do primeiro dia marca bastante realmente. E eu fui admitida justamente no Setre. Quando eu cheguei lá que foi fazer aquela coisa, na hora de distribuir era Dirin – Divisão de Relações Industriais – que é hoje o RH – Recursos Humanos. Com o Setre, que hoje é DRH – era Seleção e Treinamento e hoje é Desenvolvimento de Recursos Humanos. Essa parte de Seleção e Treinamento evoluiu para a coisa do Desenvolvimento. Aí eu fui para o Setre. E aquele monte de gente sendo admitida, algumas pessoas que a gente tinha conhecido durante os exames, durante o processo: “Ah, você vai para onde?” E quando eu entrei fui para o Setre. Aí aquele, a Petrobras em Imbitiba era bem grande assim, né? E todo mundo falando de siglas. Então a minha primeira maluquice foi assim: você chegava as pessoas começavam a falar, porque tudo era isso. Era Setre, é Sesal, é

não sei o quê. E eu sem saber o que é que era cada coisa. Mas aí você é apresentada às pessoas, e uma acolhida muito grande. Isso eu acho que é uma marca até hoje. Quem está trabalhando na Petrobras sempre lutou para que houvesse concursos. Então cada leva de pessoas que entram ali, naquela coisa de pessoas que chegam, são muito bem acolhidas. Pelo menos lá em Macaé houve isso. E aí foi aquela coisa de chega, fui apresentada nas salas, assim. Aquela coisa toda. E apresentada às pessoas e começa, olha, falam um pouco da atividade. Teve uma primeira semana de integração, explicando a coisa da empresa, falando algumas coisas, e logo depois a coisa do trabalho. E eu ficava impressionada porque comecei a pegar em trabalho mesmo, sabe? Eu às vezes me sentia ainda pouco preparada para aquele monte de responsabilidade, para aquela coisa que tinha.

ATIVIDADE NO SETRE

Eu comecei a coordenar cursos. No Setre eu fui para a parte de treinamento. Não fiquei na parte de seleção. Fiquei na parte de treinamento. Então a minha atividade ali era coordenar cursos. Só que os meus cursos eram cursos assim, formava as turmas. No primeiro momento eu trabalhei com cursos de combate a incêndio. Segurança industrial, combate a incêndios. Formava as turmas, ia lá abrir o curso. A gente tinha toda a coisa de infra-estrutura. O contato com os instrutores formando as turmas, porque as gerências indicavam e tal. E aí foi construindo algumas relações, a coisa do pessoal. Em um primeiro momento essa coisa de morar em Macaé é que eu comecei a ir, alugamos um para dividir. Um apartamentozinho com uma das pessoas que eu tinha conhecido no processo de seleção. Foi a Silma. Eu e Silma fomos. Mas teve um momento que a gente – era um apartamento de quarto, sala, uma cozinha pequenininha e um banheiro menor ainda chegou a morar em cinco ou seis, assim. Porque um monte de gente, coisa, aí depois que foram saindo. Eu me lembro que teve uma vez que nós chegamos a quatro, cinco, seis – é, chegamos a sete pessoas e um bebê. Porque teve uma que veio de Campinas, a Laureane. Ela morava em Campinas, era casada, tinha um filho pequeno. Um bebê. O Henrique. E ela passou para Macaé. Foi chamada para Macaé. Foi um concurso nacional; ela foi chamada para lá para Macaé. E eles foram. Só que quando eles chegaram, eles ainda não tinham casa.

Então ele foi ficar em uma pensão e ela a gente, foi morar com a gente. E a gente topou ela, mesmo com um bebê. Então aquela coisa, a gente revezando. Henrique era o nosso xodó. Nosso bebê, naquela casa de seis, sete mulheres com coisa tudo nessa fase, nessa coisa. Aí depois outras foram saindo, alugando. No final das contas nós ficamos – Laureane depois saiu, aí ficamos eu, Silma e veio a Maria, que trabalhava em uma empresa contratada da Petrobras. Era terceirizada. E a Izaíra, que era uma outra colega que não trabalhava na Petrobras. Trabalhava em uma outra empresa em Macaé. Nós quatro é que ficamos um bom tempo. Até 88 que eu fui, comecei a embarcar.

EMBARQUE NAS PLATAFORMAS

Eu entrei na Petrobras querendo embarcar. Porque eu já conhecia muitos colegas que trabalhavam embarcados. Tinha aquela curiosidade sobre a plataforma. E aí de novo aquela coisa prática – embarcada eu não precisaria mudar de Campos. Poderia continuar morando na minha casa. Eu ia ganhar mais, porque em termos de adicional quase que dobra. Considerando então que você não tem despesa, dá para se dizer que dobra. E naquela época se trabalhava 14 lá embarcado e folgava 14. Então eu ainda teria essa questão de estar os 14 dias em Campos. Porque eu estava em uma vida que eu ficava lá de segunda a sexta em Macaé. Sexta-feira à tarde voltava para Campos. Domingo à noite voltava para Macaé, e aí ficava segunda a sexta em Macaé. Nessa época Macaé era uma cidade-dormitório mesmo. A grande maioria das pessoas que trabalhavam na Petrobras fazia isso. Ficava lá de segunda a sexta. Essa realidade mudou; as pessoas tentaram se estabelecer em Macaé. Hoje ela continua sendo uma cidade que de segunda a quinta tem um número muito maior de pessoas nela, mas ainda mesmo quando essa turma sai tem um monte de amigos que se fixaram em Macaé. Tanto gente que era daqui do Rio, de São Paulo e coisa e tal. Mas até então era muito disso. Então embarcar para mim significava tudo isso, apesar dos 14 dias fora, apesar do perigo. Mas era uma possibilidade muito grande. Eu fiquei enjoando mesmo, sabe, querendo. E lá no curso muito cedo eu consegui me integrar muito facilmente. A Marlene, que era a chefe da Dirin, era uma pessoa que motivava muito, nessa época ela não era da Dirin. Nessa época ela era chefe do Setre. Então quando

eu entrei a Marlene era minha chefe. E aí a Marlene incentivava muito essa coisa de chamar. Fazia reunião, dizia que estava lá de portas abertas. E aí quando tinha reunião então eu me expressava. Eu dizia o que eu achava que estava legal, o que eu achava que podia melhorar. Eu percebi algumas pessoas olhando assim meio estranho. Quando terminava a reunião, a primeira reunião o colega chegou e falou: “Olha, Luiza, aqui muitas vezes o pessoal fala que é para a gente falar, mas a gente não fala não porque a gente não sabe o que quer com isso. Daqui a pouco se queima, não sei o que.” Eu falei: “Gente, mas é a oportunidade, ela está dizendo que está dando.” “Ah, mas toma lá cuidado e tal.”

Aí foi que eu comecei a embarcar em junho. Antes disso eu fiz um embarque em... o primeiro embarque meu foi em PCH-2. Eu trabalhava ainda no Setre; fui aplicar uma prova, que teve um concurso interno. Naquela época a Petrobras podia fazer concurso interno e externo. Ou simultâneo interno e externo. Depois é que o TCU, Tribunal de Contas, proibiu que a Petrobras fizesse somente concurso interno. Todo e qualquer concurso na Petrobras tem que ser interno e externo. Por uma decisão, pressão lá do TCU. Mas naquela época ainda não. E eu fui aplicar a prova. Que era uma oportunidade de eu conhecer a plataforma, e eu fui aplicar a prova em Cherne-2. No meio do caminho a aeronave deu uma pane – tivemos que parar em uma SM, que é uma sonda modular. SM-5. Não, SM-5 já era ligada a Cherne. Sei que paramos lá, não é SM não. É SS. Era semi-submersível. Então ela balançava. Quando nós chegamos, a gente no helicóptero sentiu uma queda assim meio para trás. Mas olhamos uma para a cara do outro, aquele negócio. Piloto não falou nada. E quando pousou a gente falou: “Uai, já chegou em Cherne?” O cara virou para trás e falou para a gente: “Olha, nós não, nós ainda não estamos em PCH-2. Nós vamos interromper, vamos aguardar uma outra aeronave. Uma das turbinas teve problema. Mas essa aeronave tem duas turbinas. Nós até poderíamos se fosse uma necessidade maior, mas nós não vamos arriscar. Vamos aguardar uma outra aeronave.” Eu falei: “Para quem está começando, doida para embarcar... olha o primeiro problema, né, o vôo.” Mas aí ficamos lá. Quando eu descii, falei assim: “Ih, acho que eu estou meio tonta.” Aí o pessoal falou: “Não, você não está, é a gente que está nesse balanço.” Aí foi lá e me mostrou um guindaste. Você via a linha do horizonte.

TRABALHO NA MS

Em 96 eu volto para o trabalho. Na MS ainda, a MS estava no Sesal. Já tinha saído, o Setre tinha tido reestruturação interna e tal. Estava no Sesal e aí eu fiquei trabalhando na MS. Fiquei trabalhando até 98. Em 98 é que eu volto para a direção da FUP. E foi um processo também assim que não fazia parte dos planos o retorno naquele momento. Eu estava já no exercício do trabalho, tinha sido promovida. E no momento da promoção dessa vez eu procurei a gerente de Recursos Humanos lá de Macaé, que era a Evely. Hoje ela é RH cá no Rio. Mas aí eu procurei a Evely e quis saber se dessa vez eu também ia ser preterida por conta disso ou se eu estava concorrendo. Porque eu tinha todas as condições de estar concorrendo àquela promoção. Tive uma conversa legal. Ela perguntou: “E a questão dos planos no sindicato?” eu falei: “Não faz parte dos meus planos retornar ao sindicato agora, ou à federação. Mas tem congresso em breve, então não é uma coisa que dá para dizer: ‘Não vou retornar’. Pode acontecer, embora não faça parte do plano pessoal.” Mas essa discussão muitas vezes rola no coletivo. Então e aí começou a construir: sim, não, vai voltar. É momento de voltar para a FUP. Algumas pessoas às vezes brincavam com essa cota de mulher. Eu falei: “Não é cota, não. É possibilidade.” Embora eu acabei depois sendo defensora das cotas como política de ação afirmativa. Essa polêmica. No início eu era contra. Depois me convenci de que é necessário de forma transitória, senão às vezes não acontece. Mas no movimento sindical nosso a gente não tem, na FUP não tem essa história de cota. Tem lá na CNQ. Aí entrei de novo na federação e de novo me libero. Quando eu retorno à MS, eu retorno já depois, quando que eu retorno? 98 eu saí, fui para a federação. É, eu retorno em 2000. Nessa época na verdade eu confundi um pouco. Tem um determinado momento que a MS estava no Sesal. Depois a MS nessa ocasião quando teve a promoção a MS já era um órgão, um setor ligado diretamente ao RH. Já existia enquanto MS. Foi aí que teve essa promoção trabalhando na MS lá com a coisa da... Não, não era. Era ainda no Sesal. Mas isso não interessa muito, eu acho. Não vem ao caso. Mas era no Sesal. Eu lembro que a Magali é que era gerente lá da coisa da MS. Fiquei lá um tempo aí, depois no sindicato; voltei – a MS já estava direto. Fiquei trabalhando alguns meses, depois fui liberada novamente. E quando eu retornei foi em maio de 2000. Já na MS. Só que aí surge o convite, a intimação quase, do PT para eu

ser candidata a prefeita em Campos. O PT em Campos se embolou, não conseguiu aliança. A eleição do Arnaldo Viana era uma coisa tida como certa, porque ele era vice do Garotinho. Ele que ia ser o candidato. O Garotinho ainda reinava na cidade. Então eu acabei sendo candidata. Me liberei de novo porque tem uma exigência eleitoral que a gente que trabalha em empresas públicas e coisa e tal, tem que se licenciar. Eu me licenciei. Fiquei de julho até outubro licenciada para a questão eleitoral. Para a campanha. Fui candidata à prefeita em Campos. Foi uma experiência pra lá de positiva para mim. Acho que também serviu de lição para o partido. Da necessidade de rever a política e coisa e tal. Buscar coisas. Sempre entendi que era importante aliança, aquela coisa toda. Mas voltando para a Petrobras, voltei. Aí meu gerente de Recursos Humanos, que também já era uma outra pessoa, era o João Carlos, o João falou que não dava para eu ficar na MS. Tinha que ir para o DRH. Tinha que sair de lá porque a MS era muito operacional e essas idas e vindas minhas prejudicavam um pouco o processo de trabalho. E era uma realidade. É verdade. Porque a MS tem um calendário, um cronograma, tal, tal, tal.

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Eu fui para o DRH. Trabalhar com educação à distância. Um trabalho muito legal. A Marta que estava desenvolvendo isso. É um trabalho de priorizar principalmente o pessoal *off-shore*. E de transformar os cursos de presencial em *on-line* e à distância. Até que aí surge essa coisa de voltar. De vir para o Rio de Janeiro. Uma decisão muito difícil. Porque sair de Macaé, todos esses anos na Petrobras, no sindicato. Mas eu venho para o compartilhado; em 2 de agosto eu começo no compartilhado RSUD, na área de contratação. Eu vim para cá e estava trabalhando, desenvolvendo esse trabalho na área. Uma experiência nova. Novas pessoas. E aí voltada mesmo. Fiz questão de não participar da direção do sindicato. Surgiu até a possibilidade, mas me empenhei no processo eleitoral. Apoiei a chapa que está no Rio de Janeiro. Em que pesem algumas divergências, mas dei um apoio grande na campanha, me envolvi. E aí estava trabalhando. No exercício assim normal aqui na CSA. Uma área legal assim. Embora eu acho RH, eu costumo brincar: “RH é a minha praia.” Mas a CSA, a

Contratação, estava sendo uma experiência muito enriquecedora. A gente via a possibilidade de melhorar o processo de contratação do terceirizado.

ASSISTENTE NA PETROS

Aí fui cedida, agora recentemente, à Petros. Estou na Petros como assistente do Maurício, que no meio disso tudo tem o maior fato histórico desse país, que eu acho que aí conta tudo para a gente, que construiu essa coisa toda que foi a vitória, a eleição do Lula. Então a possibilidade desse projeto, a visão dos trabalhadores, aquela coisa toda, por mais aliança mais ampla que tenha sido, é um momento histórico do país. E aí no meio disso tudo alguns companheiros nossos começam a ser pinçados para a gestão da Petrobras ou para a Petros. E aí Santarosa, Maurício, Nilton, Diego, Armando, Enio. Enfim, esses companheiros que estão, começaram a... tem que vir também. Você também não vai dar para continuar onde está. É hora de também dar a contribuição. E aí inicialmente eu até achava que a gente podia ter uma ocupação maior no RH da Petrobras, mas pessoal falou: “Não, no RH vão priorizar política, mas vamos pensar em outra coisa.” E pensaram em Petros; eu inicialmente resisti um pouco. Porque era um assunto que eu não dominava completamente. Mexia com Santarosa, com o Ênio, com Cotia, lá de Mauá, em São Paulo. Eu sempre brincava, dizendo : “Eu vou, ó, fico olhando para vocês para ver a hora de levantar o braço. Porque esse assunto é com vocês. Petros, ih? Isso é com vocês.” Paulo César, o PC. E tinha aquele pessoal que tinha mais envolvimento, né? Mas não, é lá mesmo. O Maurício, a gente tem uma relação muito grande porque na gestão na FUP, a primeira gestão o Spis que foi o coordenador. Pegamos aquela greve de 95. Impossível não deixar de falar nela. Todo o efeito que ela teve da gente. O enfrentamento com o governo Fernando Henrique, mas depois vem a gestão do Maurício e a gente consegue construir na federação justamente uma gestão também com a Petrobras de retomada de diálogo, de voltar à mesa. De retomar a assinatura do acordo coletivo e de estar participando. Internamente na Petrobras a gente há de reconhecer que se dependesse dos governos Collor e do governo Fernando Henrique o estrago teria sido muito maior. O corpo gerencial – não todos, alguns aderiram de uma forma como a gente sabe. Aderiram lá, estão aderindo agora. Aqueles caras que vão aderir a quem estiver no

poder. Mas teve um outro, não, uns outros que tentaram manter a Petrobras ainda como uma empresa estatal, mas competitiva também, quer dizer, competitiva, mas também estatal. Então combinar essas coisas: o compromisso público e o compromisso social. Então essa foi uma coisa muito presente em qualquer área dentro da empresa, em qualquer pessoa que estava. Isso vai mudando um pouco com as novas admissões, com o pessoal preparado mais com um olhar para o mercado. É uma mudança que a gente começa a sentir no próprio perfil de quem está trabalhando lá. E o movimento sindical precisa enxergar isso. Senão daqui a pouco vai estar falando para as paredes. É uma discussão que a gente sempre faz. Eu acho que esse é um outro momento muito rico de como combinar. Respeitando os papéis que tem cada um. Mas nós enquanto empregados podermos combinar esse momento que o país vive com momento de possibilidade dentro da empresa e com o movimento. O próprio movimento sindical, né?

SINDIPETRO

Estava tendo a eleição do sindicato. E eu já vinha com aquela militância do PT, eu sabia que sindicato era questão de tempo para eu estar me aproximando. Porque teve uma cena que me marcou muito em 82. 82 não. É, eu ainda era estudante. Bem, aí então em 82 teve uma, quando eu ainda estava estudante quando a gente ajudando o pessoal do PT aquela coisa toda. Agora eu estou em uma certa dúvida, se 82, 83 mas isso não altera muito. O que me marcou é que a gente foi chamado para dar um apoio a um piquete do sindicato dos bancários. Por isso que talvez não tenha sido 82. Deve ter sido um pouco mais adiante. E aí o Bradesco funcionava lá em Campos. Ele passava em duas ruas lá da cidade, uma era a João Pessoa, que era o centro mesmo de Campos. A gente estava ajudando ali na João Pessoa. E teve um momento que uma bancária entrou. E a gente começou: “Volta, volta.” Porque o Bradesco era realmente uma dificuldade muito grande. E aquela greve estava tendo muito sucesso. E o pessoal estava conseguindo uma adesão muito grande e tal. Aí ela foi parou no meio e a gente ficou. E eu fazia parte junto com um pessoal dos bancários e falando: “Volta, volta. Vem para cá. Aqui os colegas.” Os colegas que estavam na greve chamando. E lá dentro o gerente começou a chamar ela também: “Vem, vem e coisa.” E ela, eu lembro que ela

balançava a cabeça. Ela olhava para o lado do gerente. Ela olhava para o lado da gente. Ela começou a chorar e voltou. E ela saiu. Aí todo mundo aplaudiu, aquele negócio todo. Ela ficou lá. Mas ela voltou chorando e tudo.

Eu comecei trabalhando no Setre, um projeto de recreação. Depois mudou até o gerente, seu Aniceto se aposentou. O Carlos Killer assumiu. Eu saí do Setre e fui para, quer dizer, continuei no Setre, mas saí do projeto recreação, que era essa atividade de lazer das plataformas, de organização e tal, tal, tal. Aí fui para MS. O Carlos que chamou; falou: “Olha, eu preciso de você na MS.” Fui para a MS. E veio a eleição do sindicato. Isso já foi final de 88 para 89, teve eleição do sindicato. Já a campanha a eleição era em 90. E então eu comecei participando. De início eu queria participar só ajudando. Dando o meu apoio à chapa, mas não queria fazer parte da chapa. Alguns companheiros insistiram, insistiram. Não, você vai entrar na chapa, não precisa ficar liberada, você continua.” Porque eu falei: “Eu tenho muito pouco tempo de empresa, ainda quero continuar aqui, trabalhar. Eu não quero ficar...” “Não, você não vai ficar liberada, você vai ficar no sindicato. Mas na direção a reunião é uma vez por mês. E essas coisas que você já participa e tal.” Lá fui. Entrei, aí teve outros tantos companheiros que participaram desse processo. Eu estou falando aqui da coisa pessoal, mas sempre, né, a gente sempre com o grupo discutindo. Aquela coisa mais afetiva. Os colegas de trabalho dando uma força danada. Porque isso começa a ser referência. E aí era uma coisa muito legal assim, por mais atrito que tenha tido, as relações pessoais lá dentro eram muito positivas. O Carlos era um gerente com uma visão muito legal, que separava as coisas. De ver qual era o meu desempenho e do que eu falava lá no portão com aquele caminhão de som. Com o Fusquinha com o som. Mas às vezes ele separava. “Não, o que você está falando lá eu não quero. Quero ver a sua produção aqui dentro.” Então algumas vezes eu tinha, tinha gerente que não tinha essa visão. E às vezes alguns vinham para cima dele: “Pô, você está vendo aquela funcionária sua, está vendo o que ela está falando lá fora?” E ele segurava. A Marlene também, que ficava no centro assim do embate. Os ataques maiores eram a ela, porque como gerente da Dirin começou a questionar uma série de coisas que eram praticadas na Bacia de Campos. E ela achava que era excesso. Quando eu falava até que tinha uma relação pessoal com a Marlene – alguns nem conseguiam entender.

Porque tinha aquela visão da Marlene, um pouco do que é o Lima hoje aqui no RH. O Lima sabe disso. Dessa coisa. Mas a Marlene era em Macaé tanto aquela figura de desgaste como tem. Aí resumindo, entrei para o sindicato. Ganhamos. Em 90 ganhamos o sindicato com o compromisso de o RJ fazer um plebiscito para viabilizar a separação, o desmembramento. Eu evito usar o termo separação, porque parece ruptura. Na verdade é a criação do sindicato próprio em Macaé. Isso foi um dos motivos de racha da direção do sindicato. Porque para alguns companheiros, o compromisso era realizar o plebiscito. Não significava que a diretoria toda ia aprovar a criação. Então a diretoria rachou. Alguns defendiam a criação, outros não. E teve outros motivos políticos. Naquela época na CUT estavam todas as tendências; todas as tendências do movimento sindical estavam ali reunidas. Quando racha, na eleição seguinte, de 93 para 96, aí saem quatro chapas. A outra que era a situação também rachou em duas, e nós também. Teve quatro chapas, e a nossa foi vencedora. Então tive mais outro mandato, de 93 a 96. Antes disso, em 90, a gente ainda não tinha assumido a direção do sindicato, mas já estava prestes a assumir. Já tinha tido o processo, acho que já tido até o processo eleitoral, só faltava era a posse. Veio aquela demissão do Plano Collor. Então foi um outro momento também de muita solidariedade dentro da Petrobras. E aí nos corredores aquela coisa toda. Porque é inadmissível. Foi uma lista de demissões imensa no país inteiro. Uma exigência do governo federal. E o motivo que foi alegado foi o motivo econômico financeiro. E aí aquilo era completamente falso, absurdo. Então houve um movimento, houve paralisação, houve atraso. Houve solidariedade de manter conta, abrir conta para o pessoal. E eu ainda trabalhando na Petrobras, né? Com mandato, mas coisa. Quando foi em 91 foi que eu fiquei liberada. Nessa época eu continuava trabalhando na MS. E era muito legal essa coisa dessa ponte. Eu sempre procurei estar junto, ouvindo o pessoal. Aquela coisa de por mais vanguarda que seja, o movimento não é aquela coisa de não olhar para trás e “Ó, cadê? O povo está lá...” Aquela coisa de tentar caminhar junto. Em alguns momentos entendendo o processo. Então eu tinha uma relação tanto profissional quanto pessoal com o pessoal ali em Macaé muito boa. Nossa chapa a grande maioria dos membros também eram pessoas muito bem conceituadas, muito respeitadas no trabalho, na coisa. Uma ou outra sessão, mas de uma maneira geral era. Teve essa greve de 90, que foi um momento

difícilimo na Petrobras. A gente percebeu quanto, o petroleiro tinha muito claro o quanto o governo Collor queria destruir a empresa. Aí um monte de mudanças de conceitos. Começa aquela coisa de mudar negócio. A gente percebendo o processo de privatização. Então movimentos contra a privatização. Grupos foram formados. E aí a gente participando muito desse processo.

GREVE DE 1988

Eu entrei em junho de 87. No início de 88 teve uma greve geral de dois dias. E eu fiquei lá ajudando o pessoal da oposição. Porque foi isso. Quando eu entrei, em 87, eu perguntava para o pessoal: “E a questão do sindicato, como é que é?” “Ih, está tendo uma briga, está dando uma eleição, está sendo cancelada. Eu não sei esse negócio de sindicato.” No lugar em que eu estava, algumas pessoas participavam, mas a grande maioria não, ficava assim, meio coisa. Ainda mais a gente que está chegando. Eu falei: “Ah, mas é importante. Se o sindicato que está aí está ruim...” porque Macaé não tinha uma sede do sindicato, assim. Depois eles alugaram uma salinha, uma representação. Porque o sindicato era do Rio de Janeiro, e Macaé era uma delegacia sindical. Mas aí não tinha uma estrutura maior lá. Mas como a oposição estava insistindo muito nessa coisa – tinha um pessoal que se chamava de Associação de Macaé, que lutava junto com o pessoal do Rio de Janeiro, mas já apontava para a criação de sindicato próprio. Eu sei que estava aquela confusão de eleição. A oposição dizendo que tinha sido roubada. O pessoal dizendo que ia ter que fazer novas eleições. Teve essa coisa da greve geral; eu comecei a ir a assembléia. Eu me lembro que na primeira assembléia a que eu fui – eu estava com pouco tempo – um cara convidou: “Não, vem cá”. Porque o pessoal da atual direção queria mostrar que estava chamando novas pessoas e tudo. E me convidou até para a mesa. Eu fiquei: “Caramba!” Mas eu já tinha uma visão em relação ao pessoal que era oposição, que era ligado à CUT, e aquela coisa toda. Mas eu topei, fui. Mas aí o pessoal da oposição ficou assim: “Será que ela é ligada ao pessoal da situação?” Mas depois não, depois eles viram essa coisa do PT e não sei o quê. Quando chegou essa coisa da greve geral, a gente teve reuniões para ajudar a organizar a paralisação no dia e tudo. Eu fui para lá desde de manhã e a gente ficava chamando as pessoas para parar. Mas foi uma adesão pequena. E aí chegou um ponto

que o pessoal – a gente era chamada de “os novos”, por isso que eu vejo essa briga hoje do pessoal da Petrobras, os atuais e os novos, a gente também naquela época era considerado os novos, né? A gente então, o pessoal chegava e falava assim: “não, sou novo.” “Ah, então entra.” “Eu sou novo.” E quando eu olhei e entra e entra e chegou um momento que já eram umas 7:20. O nosso horário era sete horas. 7:20, eu olhei para fora, pouca gente. E o pessoal falou: “Olha Luiza, você que sabe. Se quiser entra, porque realmente pode ter uma retaliação maior já que tem poucas pessoas.” Aí eu entrei. Mas eu levei quase 10 minutos. Eu fui a um passo tão lento até chegar lá no meu setor. Nessa ocasião eu já não estava nem no Setre – eu já estava na Depro Norte, porque eu já estava conseguindo junto à Petrobras essa coisa de, a possibilidade de embarcar. Eu fui passando, enquanto andava lembrei muito dessa menina lá, da bancária. E aí naquele momento eu falei: “Cara, eu também vou ter que fazer uma opção. Porque hoje eu estou no estágio probatório. Eu tenho o risco de não ser confirmada.” Porque a gente trabalhava um ano. E depois desse ano de estágio probatório, a Petrobras poderia dispensar sem precisar justificativa. Um ano ela te avaliava. E se fosse continuar, aí tinha estabilidade. Mas até aquele um ano você estava sujeito a depois de um ano ela dizer: “Não, sinto muito – você não continua nos quadros da empresa e tal, tal, tal.” Aí eu pensei, eu falei: “Ah, hoje é o estágio probatório. Amanhã vai ser uma promoção. Em algum momento eu vou ter alguma coisa a perder, eu vou ter que fazer alguma escolha.” E aí quando chegou lá dentro, eu trabalhei a manhã inteira mal. Quando chegou na hora do almoço, eu falei com o gerente, eu falei: “Olha, eu estou saindo e não volto na parte da tarde. Eu vou aderir ao movimento.” Ele: “Ah, você que sabe. Você sabe dos riscos”. Eu falei: “Sei, estou de plena consciência. Vou para lá”. O gerente titular não estava lá, que era o Zé Valmir. Quem estava era o... Não me lembro quem era o interino. Mas eu sei que Zé não estava. Aí eu fiz. Essa parte da tarde movimento e fiz o outro dia aí quando retornei fica aquela expectativa, né? “Vai ter punição, não vai? Vou continuar?” O Zé já tinha retornado, o Zé Valmir. Aí foi aquela conversa, mas naquele tom mais paternal. Dizendo que eu coloquei em risco, que tinha havido, que era uma época de confirmação de estágio probatório que estava perto e coisa e tal. Que eu estava colocando em risco, mas que ele ia manter a posição favorável a que eu continuasse – mas que eu

avaliasse, porque dali para frente poderia não se dar desse jeito, não sei o quê. Passou aquele sermão todo e isso foi considerado como uma advertência verbal. Mas aí eu falei: “Tá bom” Eu falei: “Olha, Zé, eu fui muito consciente. Eu pensei bastante, refleti.” E a minha família ficava com o coração na mão. Porque era o orgulho da filha trabalhando na Petrobras, aquela coisa, vai perder o emprego desse jeito. Mas também no limite, tensionava, mas no limite sempre teve um respeito muito grande a essas posições.

Então aconteceu em 88 a primeira greve com parada de produção na Bacia de Campos. Era uma greve que era para ser uma hora só e foi o que aconteceu. Só que Garoupa foi a última, inclusive, a paralisar. Mas aí eu fui participar da assembléia. E era raro o administrativo, depois que eu fui descobrir. Quando eu cheguei lá que não vi a outra, aliás, quando eu falei com ela, ela falou assim: “Você vai à assembléia por quê?” O pessoal chamando. E eu nunca, eu não tinha idéia de como que era a organização a bordo. E aí o pessoal ia para a sala de controle; reúne todo mundo. A não ser aqueles que estão na hora do trabalho, que não têm como largar, mas o restante vai para lá e faz a assembléia. Alguém coordena. Pega as informações do sindicato por fax ou por telefone e aí faz a assembléia ali e a turma decide. Então tinha esse indicativo de paralisação de uma hora. O sindicato, o pessoal sentia que não havia muita firmeza da direção do sindicato em encaminhar o indicativo. O indicativo era muito mais encaminhado, muito mais defendido pela oposição e tudo. Mas estava no indicativo, né? E aí eu acabei intervindo na assembléia. E lembro que a única coisa que eu falei foi: “Olha, gente, da experiência que a gente tem dessa coisa de assembléia, esse fórum aqui é o fórum deliberativo. É aqui que decide. E o que a gente decidir aqui todo mundo vai acatar. Porque aí a decisão, cada um de nós tem essa possibilidade, mas na hora que votar, então eu por exemplo que não votar nessa parada de produção, porque eu não trabalho com isso, mas vou me sentir parte dessa decisão. Porque agora é a plataforma e coisa e tal.” Aí, resultado: passou a aprovação de que íamos aderir ao movimento. Só que houve uma relutância de alguns companheiros. “E aí, quem é que vai lá e fecha a válvula? Quem é que pára?” Aí o pessoal desceu, a galera, eu perguntei a eles quando foi chegando a hora, eu falei assim: “Escuta, vai ter alguma coisa, aquela coisa de desarmar? De soar emergência e coisa e tal?” O pessoal falou:

“Não, a gente vai fazer a parada de produção dentro dos procedimentos e tal.” Só que resultado: em Garoupa o pessoal ficou assim meio: “Quem é que pára?” Aí acabou, então desceu um grupo e foi lá para parar. E como essa coisa demorou, teve que ser meio, a coisa fechar, alguns procedimentos foram mais acelerados. Tudo com segurança, previsto porque isso, quando acontece qualquer anormalidade, é assim que eles agem. Não teve nenhuma ação que pulou o passo da segurança operacional. Mas houve uma intervenção direta deles de fechar. E aí desarmou. Soou aquele alarme e tal, mas a gente já sabia o que era. Aí nessa vai para o ponto de encontro. A turma da brigada, a turma da operação vai para lá, começa a normalizar. Eu volto para o camarote. Tirei o macacão – até já era mais tarde estava coisa –, o colete salva-vidas. Porque acontecem as coisas, tem de botar o colete salva-vidas e ir para o ponto de encontro. Aí sabia, voltei, fui lá, guardei o colete. E fui para a sala de controle. E aí nessa época a Petrobras também estava com, para ter concurso para operador e estava aceitando inscrição de mulheres. Eu tinha me inscrito. E estava doida assim para passar, porque também de novo o salário era melhor. E como eu tinha curso técnico eu poderia fazer aquele concurso para operador. Mais adiante a Petrobras cancelou aquela inscrição, não houve aquele processo. Mas eu tinha curiosidade, muita curiosidade com a sala de controle, os equipamentos, o pessoal me explicava. E tinha lá a coisa lá de apertar, de não sei o que e tal. Eu fiquei lá com eles conversando. Depois eu falei: “Não vai acontecer nada.” Fui embora. Fui dormir. Quando é no outro dia de manhã o colega bate lá acorda, falou: “Ó, Luiza, a gente já sabe que tem uma aeronave na Bacia de Campos. Mais de uma aeronave. Está recolhendo o pessoal, está tendo demissão. E vai ter muita advertência, suspensão. Eu estou sendo um dos que estão desembarcando. Mobiliza aí o pessoal”. Lacerda me procurou, outras pessoas procuraram. Aí começamos e confirmou mesmo. De Garoupa saíram cinco. O Marx, eu não vou lembrar de todos. Melhor talvez nem citar assim porque... Eu sei que saíram os cinco. Todos os cinco saíram, foram naquele vôo-camburão – que depois a peãozada logo carimba com um nome, né? O vôo-camburão levou e aí a gente ficou sabendo então que tinha 75 demissões na Bacia de Campos. Cento e poucas punições e trocentas advertências. Então aquela primeira leva foi a das demissões. Aí nós ficamos. Começou aquela mobilização de fazer documento, abaixo-assinado. Todo

mundo se responsabilizando. Ninguém era o líder, o cabeça. E nessa hora algumas pessoas mantêm mais a firmeza e outras começam a ver como é que a coisa está funcionando e tal. Teve um colega que deu até um depoimento muito emocionado. Ele falou assim: “Enquanto a gente não sabia da lista, quem estava, essa sala estava lotada. Depois, quando a lista ia surgindo, algumas pessoas já não vêm aqui, porque já sabe que não está na lista e não quer correr o risco de vir a ser.” Mas então tal, a gente ia lá, pegava o nome assim mesmo, fazia aquele trabalho. Eu me envolvi muito nessa coisa de estar fazendo esse trabalho de fazer o documento. Eu me lembro que teve um momento, quando ele ligou, ele falou assim: “Luiza – aí contou – são 75.” Isso já por telefone, lá de terra. Eu falei: “A Petrobras está pensando que a gente está brincando?” Ele falou: “Não, ela é que não está brincando. Isso é sério. Essas demissões estão acontecendo.” Uns dias depois embarca o pessoal da área de Recursos Humanos mais o Cheplat. O chefe da plataforma também não estava. Estava um cara que estava interino. Quem estava interino na chefia da plataforma era o Robalinho. O Marcos Felipe, que era o Cheplat, estava em terra. Aí deu. Agora ele chamou o pessoal que estava sendo suspensão. Eu acho que foram oito em Garoupa. E eu fui uma delas. Junto com Vitor Carvalho, digo, falo do Milton, o Miltão. Ih, teve lá aquela lista, teve um outro Vitor. Enfim nós éramos oito. suspensos. Sete dias de suspensão. Então eu estava justamente completando sete dias da escala. Eu teria mais sete a cumprir. Então a minha suspensão começava naqueles sete – em vez de cumprir a minha escala eu estava descendo antes. E foi um momento muito determinante, porque o assistente administrativo ia ter que desembarcar para um curso. Então eu ia ficar interina. Naquela época a Petrobras pagava a interinidade até para cargo. Eu ia receber como assistente no lugar dele. E em vez disso eu estava sendo desembarcada, sete dias de suspensão. Eu cumpri a minha suspensão. Quando chegou a hora de embarcar, que eu liguei para confirmar o meu vôo: “Ah, não. O seu nome não está.” Eu falei: “Uai, o que é que é?” “A orientação é para você ir à Dirin.” A Marlene, que era chefe da Setre nessa ocasião, já estava como chefe da Dirin. Quando eu cheguei lá, que fui falar com o Simões, que trabalhava como assistente lá no Dirin e a Marlene, ela foi e comunicou, ela falou: “Você não volta mais a embarcar. Você está sendo desembarcada.” Ai eu fiquei possessa. Eu fiquei chateada, aquele negócio todo. Ela falou: “A gente entende que é

um cargo de confiança e você quebrou essa confiança ao participar do movimento. Então essa é a visão da companhia. Mas a gente reconhece o teu potencial profissional, então você vai ficar aqui. Você está indo para o Setre, vai trabalhar lá e tal.”

EM TERRA FIRMA

Aí eu fui para o Setre. O primeiro momento foi um momento de adaptação muito difícil. Teve a grande vantagem a partir daí foi que eu comecei a trabalhar, a cuidar com homeopatia. Mas no primeiro momento não, eu somatizava. Eu não percebi que era isso. Mas eu tive furúnculo, tive afta, tive dor de barriga. Então eu comecei a faltar. Eu morava em Campos – porque nessa ocasião já tinha vale-transporte, então eu optei por viajar. Acordava de manhã dor de barriga: “Como é que eu vou viajar com dor de barriga?” Eu não conseguia. Ligava assim: “Olhe César, eu estou mal, não sei o quê.” Aí outro dia era febre, outro dia, até que eu fui ao médico. Quando eu cheguei de cara o cara queria me dar 15 dias de atestado. “Você está estressada. Está rompendo essa coisa.” Passou um monte de remédio, alguns de tarja preta. Quando eu olhei aquele negócio eu falei: “Caramba, aí não.” Fui para o homeopata e começamos a trabalhar e ficou muito claro que era um processo de resistência. Só que com isso também a gente não ficou parado. O movimento sindical continuou. Aí foi. O pessoal veio, procurou. Então tinha a lista, tinha aquela coisa de no meio de assembléia alguém chamava: “Está aqui uma punida, e não sei o quê, e oposição.” Porque o que é que aconteceu? A direção do sindicato no outro dia de manhã, o movimento acabou não acontecendo nas bases de terra. E foi isso que deu a possibilidade da Petrobras desmontar. O movimento só se deu nas áreas *off-shore*. Em terra suspendeu o movimento em todo o Brasil. Aí fomos só nós, o Rio Grande do Norte e Bahia. De certa forma houve uma certa coisa afoita da oposição lá que viu o quadro, mas era um quadro forte regional, mas o quadro nacional não foi positivo. Então a direção nacional inclusive, na época era comando, também deu um... Só que aí ficou com um monte de coisa. E a gente continuou aquela coisa de inflação alta. Eu sei que com uns dias de trabalho, teve uma vez que teve uma audiência no TST. A coisa entrou, foi para dissídio. E o TST deu uma mixaria. Foi a greve mais espontânea que a gente fez. Era todo mundo: “Lá fora, lá fora,

lá fora.” A greve tomou um vulto assim imenso. A gente fazia passeata nas ruas de Macaé, em Campos. As famílias dos demitidos iam para lá. Então não eram só os petroleiros – eram as famílias dos demitidos, punidos. O movimento tomou uma proporção imensa. Na bandeira do movimento além daquelas que já estavam entrou a reintegração dos demitidos. E o cancelamento das punições. A gente conseguiu reintegrar. Não reintegrar no mesmo local. Essa turma foi espalhada. Um foi lá para Urucu, o outro foi para São Paulo, outro foi para Caxias. Espalhou o pessoal. E as nossas punições elas foram canceladas, o efeito punitivo delas. Não cancelou a punição, mas cancelou o efeito, que era o reflexo. Em férias, na promoção.

GREVE DE 1991

E a vida profissional caminhando, mas com alguma dificuldade da coisa da ascensão profissional. Não, isso começa a ser prejudicado, né? Para você ter idéia lá na plataforma eu tinha sido avaliada com conceito superior. Como eu fui desembarcada no ano seguinte quando eu estou sendo avaliada, e aí meu gerente falou: “Ó, não tenho dúvida em relação...” Naquela época tinha uma avaliação da Petrobras que era SMI. Você recebia o conceito Superior, Médio ou Inferior. E ele falou: “Não tenho dúvida do conceito Superior. Mas por que você teve Médio no ano passado?” Eu falei: “Mas eu não tive Médio. Eu tive Superior.” “Não, está Médio.” Aí eu fui correr atrás e descobri que como eu fui desembarcada eles trocaram a avaliação de superior para Médio. Porque queriam justificar um pouco de padrão daquela coisa, sabe? De associar a participação com desempenho. E essa coisa tinha sido em um outro momento, separado. Em 91, depois, teve uma grande greve na Bacia de Campos. A primeira grande greve com parada de produção, aquela coisa toda. Eu já tinha sido liberada pelo sindicato em julho. Então eu e outros companheiros estivemos bem à frente desse movimento. Aí em novembro tenho o contrato de trabalho suspenso. Aí eu fiquei com esse contrato de trabalho suspenso até 94. Então de 91 até 94 não tem essa atividade profissional do exercício do trabalho. É todo ele no movimento sindical. Sindipetro, FUP – meu primeiro mandato em 94 – que é a Federação Única dos Petroleiros. CNQ-CUT, CUT Estadual. Essas coisas vêm acontecendo tudo aí depois. Em 94 a gente é reintegrada. Eu volto, fico só uma semana aqui no Rio. Porque no primeiro momento a

empresa aceitou reintegrar, mas não lá em Macaé. A empresa sempre teve muito disso: o processo de reintegração não se dá no local de origem. Porque há uma resistência gerencial muito grande. O cara, o gerente diz que se sente em xeque naquele momento. Em caso de greve às vezes a demissão é por decisão do gerente, às vezes é de cima. Mas quando é do gerente ele tem resistência. Aquele cara que ele demitiu, ser reintegrado ali na frente dele. Então às vezes desloca para acomodar. Desloca ou em outro lugar ou outro órgão. O outro órgão no mesmo município ou até fora do município e tal. Aí a gente tinha sido reintegrada aqui no Rio, mas a federação tinha conseguido com aquele contato direto com o Itamar, presidente da República, os ministros lá em Juiz de Fora. Aquele encontro de Juiz de Fora, o compromisso do Itamar de nos reintegrar no local de origem. E reintegrar outras pessoas que ainda não tinham sido reintegrado em lugar nenhum. Houve a reintegração do pessoal. Os demitidos também nesse momento já tinham sido reintegrados. Já em 93, porque a gente, do Plano Collor, porque uma ação vitoriosa em Macaé, começou a dar possibilidades da gente conseguir a reintegração de todo o pessoal no Brasil. Então eram pouquíssimos os casos pendentes de demissão do Plano Collor. Aí tinha mais as de dirigentes, a gente reintegrou também. Então 94 foi um ano que a gente conseguiu, 93 a gente retomou o acordo coletivo – a gente ficou uns anos sem acordo coletivo, só com sentença normativa do TST. E aí então eu retorno para Macaé. Vou para a direção da FUP. Em 96 finalmente é criado o Sindipetro NF. Eu naquela ocasião estava mais aqui no Rio do que lá. Assim, eu era lotada lá e tudo, mas estava participando das atividades por estar na FUP mais aqui, mas sempre com aquele compromisso de ir ao Farol de São Tomé, fazer aquela conversa com o pessoal que estava embarcando e tal.

ACOLHIDA E TROTES

A acolhida e quando chegava na plataforma é uma característica muito grande do petroleiro do *off-shore*, sabe? Ele quer te mostrar a plataforma, quer te mostrar o trabalho que faz. Sente orgulho imenso daquilo ali. Mas eu sempre achei uma visão muito bonita. Porque você começa a viagem em um vôo. Você sai dali está vendo a cidade. Chega um momento que é só mar. Você não vê mais nada. Mar, água, água. Era uma das coisas que eu tinha medo, porque eu não sei nadar. Eu falei: “Essa

porcaria não pode nunca precisar descer aqui porque se tiver que nadar é pior do que qualquer coisa.” Ficava brincando assim com o pessoal. Quando vai chegando você vê aquele monte de plataformas, né, uma perto da outra. À noite eu acho lindas aquelas luzes todas acesas. Você sabe que aquilo ali é orgulho, aquilo ali é pioneirismo da Petrobras. Então aquilo enchia mesmo assim de orgulho. Só que tinha uma, e essa era uma questão a gente já tinha um embate com a Petrobras, mas não é com a Petrobras. Têm alguns colegas nossos inclusive que falam assim: “A gente tem que pontuar. A gente está aqui defendendo a Petrobras.” O movimento sindical tinha muito essa preocupação. As pessoas mesmo que não eram do movimento, mas que faziam um ou outro questionamento tinham um orgulho muito grande da Petrobras. Discutiam a forma de gerenciamento e a administração. Mas então sempre fazendo o movimento sempre de muita defesa daquilo lá, certo? Aí a gente chegou, eu apliquei a prova voltei à tarde, tudo bem. E aí o pessoal: “E aí, vai querer continuar embarcar mesmo?” Eu falei: “Quero.” E a Marlene, como eu estava falando, aquela facilidade que eu tinha de, dessas reuniões, dos eventos de aniversário tinha música, de dançar de brincar não sei o quê. A Marlene dizia para mim que eu não podia embarcar, que aquilo lá ia acabar comigo, porque eu era muito dinâmica. Até teve uma colega, a Rose, por um bom tempo começou a me chamar de Dina, Dininha. Por causa dessa coisa da dinâmica que a Marlene tinha dito. “Você é muito dinâmica, Luiza, aquilo ali é uma rotina. É um confinamento. Aquilo vai atrofiar.” Eu: “Não, Marlene, mas eu também tenho que ter a minha família, a coisa da ajuda, eu preciso dessa grana.. eu quero, porque quero.” E a Marlene não queria, mas aí tinha esse trabalho. Você procurava o pessoal aí começou, e tinha uma necessidade grande de gente na área. Aí eu consegui, fiz a entrevista. Fui embarcar em PNA-1. Contragosto, mas ela também não impediu. Só ficava assim insistindo muito e tal. Aí fui para a PNA-1. Cheplat era o Rosa. É Namorado-1. Aí passei 14 dias lá. E quando voltei o pessoal na empresa perguntou: “E aí? É isso mesmo?” Eu falei: “É isso mesmo.” E por parte da empresa depois eu fiquei sabendo, o gerente também me avaliou. E aí disse: “Não, ela tem perfil. Tranquilo. Dá para trabalhar sim. Vale a pena.” E aí então acertou a minha ida para a coisa da plataforma. Foi aí então que eu acabei indo para a Corpel Norte. Porque iam chegar as plataformas do pólo Nordeste. Que é Pargo, Caropeba, né, Vermelho. As plataformas de Pargo, Caropeba 1

e 2, e Vermelho 1, 2, 3 que estavam para chegar. Só que nessas plataformas novas o administrativo ia funcionar com uma pessoa só. Essa era a idéia. Plataforma mais enxuta coisa e tal. Muito automatizada. E no administrativo eles avaliavam que dava para ser uma pessoa só, sem contar com terceirizados e tal. Mas da Petrobras uma só pessoa. Então, como eu não tinha experiência de embarcar e tudo, eles falaram o seguinte: “Vamos colocar você então nas antigas porque aí lá você vai poder trabalhar com assistentes e aí se capacita. Depois de um período você pode vir até voltar para a coisa.” Eu falei: “Tudo bem.” Essa disponibilidade de transferir, de trabalhar eu sempre tive. Nunca tive receios de ser transferida achando que: “Ah, vou ser transferida, vou ficar na geladeira.” Que no tempo alguns colegas tinham receios da transferência. De chegar em um lugar, geladeira era você ir para um lugar e ficar ali mas não ter trabalho, não ter atividade. Isso mata qualquer um que está a fim de trabalhar – é você chegar em um lugar e ninguém te passa nada, ninguém te dá trabalho. Alguns colegas ficavam muito frustrados com essa coisa toda. E eu não tinha receio disso. Eu falei: “ah, não, e tal.” Aí fui. Comecei a embarcar em Garoupa. Para a minha sorte, logo no primeiro ou segundo embarque coincidiu desse aniversário meu, real, de junho. Aí o pessoal fez um bolo, sabe? Lá no refeitório. E foi surpresa, que quando chego no refeitório todo mundo com aquele bolo. Uma acolhida assim maravilhosa. Foram me mostrar a plataforma toda. Plataforma tem muito essa coisa do trote. E teve um que, na hora em que ia acontecer, falou: “Não, espera aí. Não vamos fazer isso com ela não.” Eu falei: “O que é que vocês estão armando?” Lá embaixo era um lugar que você pisa assim aí tem um chuveiro. Então quando você pisa cai a água. Aí eles não deixaram. Avisaram. Alertaram: “Cuidado, quando for calçar a bota, olha porque tem gente que vai botar maionese, vai botar graxa, vai não sei o quê”. Aqueles trotes de batizar quem estava chegando. Então era borracha. O pessoal dizia: “Ah, essa é borracha.” “Olha o que vocês vão fazer.” E teve uma vez que a gente estava no refeitório. Tinha uma colega terceirizada. Mas era muito legal assim o convívio. A gente tudo ali. Teve um cara, o Viana, quando ela levantou, ele ia botar sal no refresco dela, no suco. Eu na mesma hora: “Aqui Luciana, não sei o que.” Eles: “Ah, você é dedo-duro? A gente vai te mostrar como é que a gente trata dedo-duro aqui na plataforma.” “Mas eu não sou dedo-duro. Eu estou só avisando ela da sacanagem que vocês vão fazer.” Aí começou um

terrorismo. Eu levei quase uma semana com medo das ameaças como é que vai ser, né? Eu falei: “não é isso. É sacanagem fazer isso com ela. Brinca de outro jeito.” Aí começou aquele clima. Até que teve um dia que eu no computador com o Cheplat, eles e outras pessoas na sala. Tocou o telefone eles estavam conversando – mas normalmente eles mesmo que atendiam ali – falou: “Ó, Luiza, atende aí para mim.” Eu no computador parei. Quando eu levo o telefone empastou tudo de maionese assim. Eles passaram maionese. No outro coisa tinha um negócio de pasta de dente. Mas passaram. Quando eu senti aquela lambuzada assim, eu falei: “Seus cachorros”, “Está vingado.” Aí eu fui para o banheiro e falei: “Cachorrada.” Então era um clima muito legal à noite.

MULHERES NA PLATAFORMA

Eram poucas. Tinha, nessa plataforma que eu estava, a primeira semana, não lembro se a primeira. Acho que a primeira semana, não lembro mais agora, se a primeira semana era com a Telma e a segunda com o Fernandes que eram os dois assistentes. Então, e tinha, que ficava lá com a gente também a menina que era secretária da época da manutenção. Que naquela época as plataformas tinham um efetivo maior ainda. E tinha lá o Cheplat. Era chamado dessa forma, né? Cheplat – Chefe de Plataforma. O Cheman, que era no caso da manutenção. Então tinha algumas mulheres já trabalhando, inclusive em áreas mais operacionais. Eu conheci algumas eletricistas, entendeu? E era muito legal. Porque tinha um respeito muito grande. Alguns brincavam quando a gente chegava, muitas vezes um colega chegava assim, aí estava barbeado, o pessoal: “Pô, você só se barbeou porque elas chegaram. Porque até ontem você estava igual a um monstro. Estava todo abandonado aqui.” Então a gente brincava. Então o pessoal dizia que a nossa presença na plataforma realmente ajudou a quebrar mais, a criar um clima melhor. Um clima de mais respeito, até. De mais cuidado, de mais zelo com a própria aparência deles. Querendo ou não acabava ficando aquele clima. Então eu nunca passei por nenhuma situação constrangedora ou nenhuma situação limitante por conta dessa coisa de mulher. Lógico que tem essa coisa do esforço físico. Talvez uma operadora possa sentir isso muito mais, né? Minha atividade não tinha essa coisa. E sempre foi um espaço muito, em alguns momentos quase que

superproteção. Eu às vezes até tinha que falar: “Olha, não precisa disso. Pode deixar eu me viro numa boa”. Mas tinha esse cuidado. E eu, como trabalhava no administrativo, era muito comum o pessoal ir para lá porque aí tinha que resolver, a gente fazia muito uma ponte com a área de Recursos Humanos em terra. O cara que tinha problema com contracheque ou tinha um problema na MS, em vez de ficar ligando, ele ia lá e a gente então ligava. A gente era o administrativo da plataforma. Então essas coisas surgiam muito lá. Só que eles iam lá no primeiro momento levar isso. Já no outro momento era para levar foto de casa, era para falar da mulher, era para falar do filho. Era para falar de uma outra coisa. Namorada, não sei o quê. Tinha um colega nosso que ele sofria para caramba com essa coisa a bordo, porque toda vez que ele embarcava o filho tinha febre. E eles levaram alguns embarques para perceber que era justamente quando ele embarcava que a criança adoecia. Era ele chegar, a mulher ligava : “Olha, não sei. Ele estava bem, mas está um pouco febril, não sei o que está.” E o médico, chegou o momento que o médico começou a perceber que era justamente quando ele faltava. Quando ele saía. E outros chegavam lá, teve uma vez um chegou, mas ele quase chorou porque ele tinha descido, o filho dele era bebê. Ele embarcou, aquele negócio de embarcar, quando ele chegou em casa que ele foi pegar o neném, o neném chorou. O neném estranhou. E a gente: “Calma. Isso é assim.” “Mas eu não vou, meu filho não vai me conhecer.” E aí tem o outro lado, que era o drama que todo mundo brinca, mas isso não é só para o petroleiro *off-shore* é para qualquer um que trabalha no turno, que é a figura do Ricardão. É o outro. É aquela coisa – você saiu... Isso era muito presente lá na plataforma principalmente, sabe? Tinha musiquinha que sacaneava lá em Macaé. No aeroporto. Que o pessoal passava: “lansã cadê Ogum? Foi pro mar...” Era a senha. Mas tinha assim essa coisa. E outras vezes levava na brincadeira: “Não, eu quando chego em casa, desembarco, paro em um bar perto de casa, compro um pãozinho, compro um negócio, pego um garoto: ‘vai em casa, diz que eu estou chegando.’ Eu não quero me aborrecer.” Outros não, levavam mais a sério: “Minha mulher não tem isso.” Mas de qualquer maneira tinha esse clima, essa coisa toda. Os riscos, os treinamentos a bordo.

COTIDIANO NA PLATAFORMA

Eu embarquei muito pouco tempo, como eu falei, porque em novembro eu fui desembarcada, mas uma única vez, duas vezes eu passei por situações que eu pensei assim: “O que é que eu estou fazendo aqui? Será que vale ganhar mais e estar longe de casa nesse lugar aqui?” Porque no primeiro embarque que eu fiz, fiquei no camarote em que eram só mulheres. Eram, eu era a única da Petrobras. E era um, tinha uma cama vaga, porque eram beliches. Lá eram beliches dois e dois. Um banheiro dentro do quarto, né? Os armários, aquela partezinha cada um fica com a sua parte, né? Aqueles armarinhos de ferro que você arruma uma coisa de um lado, uma coisa do outro. Mas eu fiquei, o primeiro embarque meu eu fiquei lá com elas. As duas não eram da Petrobras, eram terceirizadas, e mais uma como eu falei que trabalhava com o Cheman. Outra que eu acho que era eletricista estava lá. Quando eu retorno no outro embarque a Telma não aceitou que eu ficasse lá naquele camarote junto com as meninas que eram terceirizadas. Tinha um camarote que era assim: ficavam os dois TP – técnicos de produção – com mais duas assistentes. Ou, era o assistente, o ajudante administrativo, que eu era auxiliar, mas a função era de ajudante, isto é mais uma coisa de hierarquia entre os cargos e tal. Só que para mim era muito mais confortável ficar lá com as meninas. E essa coisa de se era ou não era da Petrobras, era um ambiente muito mais fácil. Apesar de que ninguém trocava onda, mas o espaço feminino, essa coisa toda, banheiro e tudo. Então eu preferia. Não que eu tivesse problemas, tivesse que ficar, mas se a plataforma tinha essa possibilidade? E a Telma não, insistiu, insistiu. Aí eu falei: “Tá bom, eu não vou criar polêmica por causa disso, porque aí é mais um motivo para quem não quer mulher a bordo. Porque daqui a pouco: está vendo? Adaptação. Não vou ser eu que vou criar dificuldade maior do que as que já tem para a gente estar aqui.” E aí fiquei. Mas naquele momento eu fiquei, dá aquela coisa: “Ai, será que vale? Será que essa grana paga?” Uma vez em Macaé, já morando em terra eu senti tanta saudade de casa, da família que eu cheguei a pensar: “Caramba, será que o preço de ganhar mais vai ser perder o contato com a minha família?” Porque toda a minha relação pessoal era em Campos. A família, namorado, aquela coisa toda. Aí isso foi uma vez mas passou mais rápido. E a outra vez foi em pleno domingo. Aquele dia foi cheio de coisa. O pessoal, o meu namorado, os amigos. O meu namorado da época, né? Os amigos e tal, em um churrasquinho na maior galera aquela coisa toda. No

domingo sentem saudade de mim, ligam para dizer: “Olha aqui”. Aí botavam o barulho da bagunça. Eu falei: “Ai caramba, vocês nunca mais fazem isso. Vocês não sabem o que é a gente estar aqui, como diz a música, a milhas de distância e essa coisa. Mas tá bom, aproveita aí. Daqui a pouco eu estou descendo.” Quando foi a noite em pleno domingo toca o alarme. E quando toca o alarme você não sabe se é simulado ou se é alguma coisa mais séria. Aí lá vamos nós. Era um simulado, mas foi daqueles simulados que levaram até treinamento todinho. Então tinha um momento que tinha cestinha. Que era uma coisa assim com as cordas que você tinha que agarrar, abraçar ali naquela cestinha e o guindaste te eleva. Porque é um caso de você ter que sair da plataforma. Você não tinha, no simulado você não tinha condições de ter aeronave pousando. Então você ia ter que sair pelo barco, pelo rebocador. A sorte que o simulado não chegou a levar a gente até o rebocador. Ficou só de um piso da plataforma para outro. Uma coisa assim, foi lá dentro mesmo. Dentro da própria quadra que levantou e depois voltou. Quando eu estou lá em cima abraçada com aquela cestinha com mais dois colegas ali do lado, a gente abraçada àquela cestinha, eu fiquei assim: “Meu Deus do céu, o que é que eu estou fazendo aqui? Domingo, sete e pouco da noite, um monte de coisa acontecendo, a vida rolando em um monte de canto, e estou eu aqui.” Aí eu falei: “Não, eu estou aqui mas depois eu vou ter os meus 14 dias e tal.” Então foi rápido essa coisa que passou. Mas isso eu vi em muitos colegas. Naquela época a gente tinha uma briga muito grande, uma reivindicação muito grande, que era de diminuir o tempo a bordo. E aí tinha toda a discussão se ia ser 7, e o movimento sindical defendia que fosse uma escala de um para dois. Um dia de trabalho, dois dias de folga. Só que veio a Constituição de 88 e garantiu o turno de seis horas. E o reflexo disso na plataforma é que ficou uma escala de 14 por 21. Quando chegou, isso foi implementado, eu já estava desembarcada. Mas aí tinha o ideal porque realmente até o décimo dia você levava muito tranqüila. Tranqüila assim, a carga horária de... no primeiro momento eu estranhei. Eu trabalhava de sete às cinco em terra, podendo fazer duas horas de almoço, aquela coisa toda. Até duas, às vezes eu fazia uma hora. E na plataforma era de sete às sete. Então não parece não, mas essas duas horinhas a mais na primeira semana são muito cansativas. Tinha dia que eu ficava assim, só que tinha aquelas quebradas porque você tem, você acorda, tem o café da manhã. Tem um

lanchinho se você quiser ir. Você não é obrigado a ir a todas as coisas, mas no refeitório, eu falava: “Eu tenho que tomar cuidado senão eu vou sair daqui uma bolotinha, né?” Porque tinha o lanchinho, tinha o almoço. À tarde tinha um outro lanche, à noite tinha o jantar. E se você perdesse o sono, zero hora era a ceia do pessoal do turno. Então se você quisesse ir lá podia. Era uma época que a coisa do lazer também já estava sendo uma preocupação da Petrobras, mas ainda em alguns lugares não eram muitas as opções. Depois academias foram montadas, futebol. Lá em Garoupa a gente tinha muita turma que jogava o pôquer. Eu não conhecia, não sabia jogar. Aí quando eu cheguei: “Joga pôquer?” Eu falei: “Não.” “Vamos embora, vamos jogar.” “Não, eu não jogo.” “Mas assim que é ótimo, a gente aposta pouquinho.” Eles me ensinaram, aquela coisa toda. E aí dessa coisa do lazer, depois em casa aquela coisa do desembarque, né? Essa coisa sendo, acontecendo.

MEMÓRIA DOS TRABALHADORES

Eu estou muito contente porque quando eu estava trabalhando na CSA. O Ronaldo me chamou e falou: “Luiza, vai lá no RH o pessoal está precisando de uma informação, de uma ajuda, uma assessoria para um contrato que vai vir para a gente. Ainda não veio, mas eles querem. Quando eu chego lá encontro Santarosa, o Bargas, outros companheiros. A Simone, a Solange, e falei: “Não acredito que o Ronaldo não está me dando um trabalho. Está me dando um prêmio, que foi fazer esse contrato do Museu.” Então lá na CSA eu que fiz, junto com o pessoal, a elaboração daquela parte da formatação do contrato. Fiquei doida, porque eu falei: “Depois eu faço questão e tudo.” Mas quando teve um momento de entrevista lá no Edise, eu estava muito embolada e não consegui fazer. Eu falei: “Ah, não tem problema. A questão é esse momento, esse trabalho.” Depois, quando surgiu, achei bom demais. É uma coisa que eu imagino que a maior parte das pessoas, duas horas a gente fala muito da Petrobras. Isso vale para o velhinho aposentado, isso vale para quem ainda está. Falar da Petrobras, falar do movimento sindical, falar dessa história é muito legal. Eu acho que quem está aqui é um prêmio. É uma participação muito grande de construir essa empresa, de construir essa história. Obrigada, viu?